



***ENTREVISTA: MULHERES NAS CIÊNCIAS, MATEMÁTICAS E ENSINOS – CONHECIMENTOS SITUADOS E TRAJETÓRIAS INSPIRADAS PELOS ESTUDOS DE GÊNERO***

***ENTREVISTA: MUJERES EN LAS CIENCIAS, MATEMÁTICAS Y ENSEÑANZAS – CONOCIMIENTOS SITUADOS Y TRAYECTORIAS INSPIRADAS POR LOS ESTUDIOS DE GÉNERO***

***INTERVIEW: WOMEN IN SCIENCE, MATHEMATICS, AND EDUCATION – SITUATED KNOWLEDGE AND TRAJECTORIES INSPIRED BY GENDER STUDIES***

*Entrevistadas:*

*Profa. Dra. Ângela Maria Freire de Lima e Souza*<sup>1</sup>

*Profa. Dra. Irinéa de Lourdes Batista*<sup>2</sup>

*Profa. M.Sc. Kelly Meneses Fernandes*<sup>3</sup>

*Profa. Dra. Mariana Brasil Ramos*<sup>4</sup>

*Entrevistadoras/Entrevistadores:*

*Profa. Dra. Fabiana Aparecida de Carvalho*<sup>5</sup>

*Profa. Dra. Bettina Heerd*<sup>6</sup>

*Prof. Dr. Sandro Prado Santos*<sup>7</sup>

*Prof. Dr. Yonier Alexander Orozco Marín*<sup>8</sup>

<sup>1</sup> Doutora em Educação. UFBA, Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>2</sup> Pós-doutora em Ciência, Tecnologia e Sociedade. UEL, Londrina, Paraná, Brasil.

<sup>3</sup> Doutoranda em Ensino, Filosofia e História das Ciências. UFBA / UEFS, Salvador / Feira de Santana, Bahia, Brasil.

<sup>4</sup> Pós-doutora em Política Científica e Tecnológica. UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

<sup>5</sup> Pós-doutora em Educação Científica e Tecnológica. UEM, Maringá, Paraná, Brasil.

<sup>6</sup> Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática. UNICENTRO, Guarapuava, Paraná, Brasil.

<sup>7</sup> Pós-doutor em Educação. UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

<sup>8</sup> Doutor em Educação Científica e Tecnológica. UFNT, Araguaína, Tocantins, Brasil.

## Apresentação

A conversa que se segue é mais que uma entrevista, é um testemunho! Uma parceria e um registro histórico para o Ensino de Ciências e Matemática. Qualquer apresentação resultaria em redundâncias, pois não há como dimensionar, sinteticamente, a contribuição dessas quatro potentes mulheres nas educações, pesquisas, ensinamentos e extensões alinhadas aos estudos de gênero e à transformação social. Temos o registro de trajetórias, referências teóricas, histórias de vida que, conforme se encontram, criam aproximações, espaçamentos e mesmo diferenças quanto aos entendimentos situados na produção do conhecimento científico e de seu ensino. Embora longa, pois adensar todas essas memórias não é tarefa das mais fáceis e das mais sumárias, a conversa flui em várias direções; complementa-se! Soma-se, comunitariamente, com as perguntas das pessoas que conduzem a entrevista, com o diálogo respeitoso entre as pesquisadoras e com as esperanças das/os estudantes e colegas que, na posição de leitoras/es, irão interagir e preencher, com outros sentidos, os entendimentos de gênero e sexualidade em nossas áreas de atuação!

### Dados sobre as entrevistadas:

**Profa. Dra. Ângela Maria Freire de Lima e Souza (UFBA):** Licenciada em Ciências Biológicas (UFBA), Mestre em Botânica (UFBA), Doutora em Educação (UFBA). Desenvolveu pesquisas em Educação, com ênfase em Ensino de Biologia, Gênero, Ciência e Gênero. Pertenceu ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM / UFBA) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismos.

**Profa. Dra. Irinéa de Lourdes Batista (UEL):** Licenciada em Física (UNESP), Mestre em Ensino de Ciências (USP), Doutora em Filosofia (USP / Université Paris VII), Pós-Doutora em Ciência Tecnologia e Sociedade (MIT). Professora do Departamento de Física da Universidade Estadual de Londrina (UEL), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PECEM / UEL). Coordenadora do grupo IFHIECEM, com pesquisas nas interfaces disciplinares de Física / Ciências / História e Filosofia da Ciência, Educação em Ciências e Matemática, Complexidade, Questões de Gênero no Ensino de Ciências e na Matemática.

**Profa. M. Sc. Kelly Meneses Fernandes (UEFS):** Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas (UEFS), doutoranda em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC / UFBA). Pesquisa nas linhas: Educação Científica e Formação Docente, Diversidade e Criticidade, Relações Étnico-Raciais, Descolonização, Formação de Professores de Biologia. Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

**Profa. Dra. Mariana Brasil Ramos (UFSC):** Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas (UFSC), Mestre em Educação Científica e Tecnológica (UFSC), Doutora em

Ciências - Ensino e História de Ciências da Terra (UNICAMP). Professora do Departamento de Metodologia de Ensino (CED / UFSC), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT / UFSC). Pesquisa os seguintes temas: controvérsias científicas no Ensino de Ciências, Linguagem e Educação em Ciências, Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente, Gênero e Sexualidade a partir de referenciais feministas.

**Entrevistadoras/es:** Professoras, é uma honra tê-las conosco para dialogarmos quanto às práticas e pesquisas relacionadas à temática de gênero e sexualidade nas Educações em Ciências e Matemática. Agradecemos pela participação e por suas contribuições, que enriquecem nossa compreensão a respeito de suas trajetórias, suas teorizações e abordagens metodológicas, além de nos ajudar a vislumbrar possibilidades inovadoras, desobedientes, libertárias, éticas e alinhadas a uma educação verdadeiramente democrática. Para iniciar nossa entrevista (conversa), gostaríamos de saber: o que as inspirou (figuras, correntes teóricas, movimentos sociais) em seus percursos acadêmicos em relação ao gênero e à Sexualidade nas Ciências (Física, Biologia, Química) ou na Matemática [caso atuem]? Como se deram suas aproximações com essa temática? Que desafios específicos vocês encontraram ao longo dessa jornada? Como essas influências – tanto da área da formação primeira quanto dos estudos de gênero – ajudaram a moldar suas contribuições para o ensino, à pesquisa ou a extensão?

**Profa. Ângela Freire:** Eu sou a Ângela. Meu nome é grande, então, é melhor me chamar de Ângela Freire mesmo... Assim, como todo mundo me conhece. Sou bióloga de formação, professora de Biologia Celular e Molecular durante quase toda a minha vida, mestre em Botânica e Fisiologia Vegetal; depois, doutora em Educação e integrante do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia (NEIM / UFBA). Fui adotada pelo NEIM, um grupo de estudos feministas, pioneiro no Brasil, fundado em 1983. Juntas ao NEIM, criamos, em 2006, o Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, com a palavra mulheres inserida no nome do programa, exatamente para marcar o que a gente estava objetivando de verdade. Aposentei-me há muito tempo, em 2009, porém, continuei dando aulas na pós-graduação, orientando no mestrado e no doutorado até 2021, quando eu, definitivamente, fui cuidar dos netos. Então, ultimamente, o que eu faço é ser a avó de José e João.

**Profa. Irinéa Batista:** Sou da Universidade Estadual de Londrina (UEL), mas sou paulista de origem. Ingressei na universidade após terminar o mestrado, por concurso. Tenho formação inicial em Física, mestrado em Ensino de Ciências, modalidade Ensino de Física, sou doutorada em Filosofia, área de concentração em Epistemologia da Ciência que, em meu caso, foi Física. Minha trajetória se concentrou na Educação Científica, inicialmente no Ensino de Física, depois a gente criou o mestrado na UEL, o Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PECEM / UEL), seguindo com o doutorado. Eu trabalhava em Educação Científica e Tecnológica com questões de aprendizagem e formação de professores na interface História e Filosofia da Ciência. Posteriormente, fiz um pós-doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade; e, durante esse meu pós-doc., aconteceu a seleção de uma estudante para o mestrado, que trouxe a questão de gênero. Como eu estava nos Estados Unidos e não havia trabalhado com essa questão, fiz um levantamento por lá, na época, com acesso a todo e qualquer periódico que tínhamos no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Assim, de fato, fiquei estarecida em relação ao quanto estava muito mais avançada a pesquisa em gênero nos Estados Unidos, e em várias áreas do conhecimento, enquanto aqui, tínhamos pouquíssima coisa em Educação, e em Educação Científica, menos ainda, com poucas publicações e somente em fase de diagnóstico. Eu conversei com a estudante e apontei isso, que havia muita coisa a se fazer, além do papel social da questão. Como eu sempre estive mais na área epistemológica, não sociológica, tinha mais suporte com as questões epistemológicas. Porém, já estava movimentando-me para o lado da sociologia também. Esse foi o *start!* A Azuen, quero registrar o nome dela, infelizmente não terminou o mestrado por questões familiares e pessoais, mas foi uma pessoa que problematizou bastante, relatando os problemas de sala de aula entre meninos e meninas... E isso estava muito presente em uma cidade do interior do Paraná. A partir daí, eu trouxe a temática de gênero para o nosso grupo de pesquisa “Investigações em Filosofia e História da Ciência, Educação Científica e Matemática” (IFHIECEM / UEL). E começamos as questões de gênero, com foco na participação feminina na construção do conhecimento científico ao longo da história da humanidade. Eu trouxe uma base de artigos científicos levantados durante meu pós-doc. na área da Educação, Sociologia e, a partir desses, as impressões foram ainda mais impactantes... Eu me vi diante de um precipício, como se fala, sabe!? Agora, atualmente, percebo que estamos diante de um problema mais sério do que eu imaginava.

**Profa. Kelly Fernandes:** Sou nascida numa cidade chamada Bacabal, que fica no Maranhão, mas me criei e moro em Salvador há muito tempo. Então, posso dizer que sou maranhense e sou soteropolitana ao mesmo tempo. Hoje, eu estou como professora na Universidade Estadual de Ferreira de Santana (UEFS); sou formada em Biologia – bacharelado e licenciatura – na própria universidade. Então, está sendo um aprendizado, um encontro muito bonito, assim, com a universidade na qual me formei e comigo mesma nessa nova universidade, que já não é mais a mesma, né? Porque eu também já não sou mais a mesma. Então, estou lecionando e encontrando estudantes na licenciatura em Biologia. Hoje, também faço doutorado no Programa de Ensino Filosófico e História da Ciência (PPGEFHC / UFBA), um programa que acontece a partir da articulação entre a UFBA e a UEFS. Escutando vocês, né, cada uma falou como foi que começou apresentando um resumo de como entrou nos estudos de gênero. Mas, de forma mais sistematizada, estou pesquisando a temática no doutorado agora. Porém, quando eu faço esse caminho de olhar para minha trajetória, lembro que fui professora da Educação Básica, né? E acho que, de algum lugar, eu ainda sou professora da Educação Básica, de Ciências... O gênero é uma temática que atravessou as minhas práticas como uma professora implicada nesse processo de pensar as relações [sociais].

**Profa. Mariana Brasil:** Eu sou Mariana Brasil Ramos e estou há pouco tempo, acho, estudando as questões de gênero e sexualidade. Comecei em 2019, na verdade. Eu trabalhava com outras questões dentro da Educação Científica. Sou formada em Ciências Biológicas, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, assim como a Kelly, eu também voltei para a universidade onde realizei a formação inicial. Depois, cursei também o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT / UFSC). Fui para a Universidade de Campinas (Unicamp) fazer meu doutorado e, após a conclusão, voltei para ser professora na universidade que me acolheu como estudante, onde tive a minha iniciação científica, a UFSC. Porém, eu não trabalhava com questões de gênero na Educação Científica. Eu trabalhava com Discursos da Ciência, estudos do discurso, divulgação científica e, sobretudo, estudos de audiovisuais. Com temáticas de Ciência que a gente chamava de controvérsias científicas e que, na atualidade, denominamos de questões sociocientíficas. Alguns marcos me fazem olhar para esse tema [gênero] de forma acadêmica: em especial, uma palestra que a colega Marinês Domingues Cordeiro, da Educação em Física, realizou no nosso programa... Saí da mesma impressionada com algumas coisas que, sinteticamente, ela trouxe, sobre como

a entrada das mulheres na Ciência altera a produção do conhecimento científico, né? Que são coisas que eu sempre discutia no PPGECT... A gente tem uma discussão importante em relação à Epistemologia, à Filosofia da Ciência, sobre como esse conhecimento científico é construído. Porém, até então, eu nunca tinha tido uma visão, um acesso, uma discussão sobre a questão da entrada das mulheres na Ciência. Lembro-me que ela terminou a palestra falando: *“Olha, gente, não é só uma questão de construção dos conhecimentos científicos, de como as mulheres estiveram ausentes, mas também a questão de se eu vou ou não ser morta na rua nessa semana apenas por ser mulher”*. Eu saí de lá, assim, com a mente explodindo, né? Coisas que já haviam perpassado a nossa vida, como docentes, como pessoas caminhando na rua, enfim... Mas que não tinham sido colocadas de forma objetiva num espaço acadêmico, pelo menos, para mim. Isso faz cinco anos... Então, a partir daí eu comecei a procurar algumas leituras, comecei a mudar o meu campo de pesquisa. Estou engatinhando nesse campo, mas é isso...

**Profa. Irinéa Batista:** Vocês perguntaram a respeito de referências teóricas na literatura científica, em movimentos sociais, percursos acadêmicos em relação às questões de gênero, às sexualidades e demais temas... Acho que uma das coisas que mais me engajou, conforme fomos fazendo as pesquisas, foi a nossa equipe que, na época, era bastante grande, multidisciplinar, em torno de três orientadas/os de cada área, Física, Matemática, Biologia, Química, um moço da Geociência, inicialmente... Então, os debates eram muito ricos, né? Cada uma/um trazendo a sua experiência pessoal. Eu tinha um cuidado, e tenho até hoje, de a gente não misturar perspectivas na discussão, na investigação. Uma coisa é aquele momento da exegese, do *brainstorming*, de se colocar nossas questões pessoais, mas, outra, é não transformar a pesquisa em ativismo<sup>9</sup>, né? E ficar paralisada/o teórico e metodologicamente. Há um artigo acerca de uma pesquisa realizada no nordeste dos Estados Unidos, estudo de quase uma década, no qual as/os pesquisadoras/es mostravam evidências quantitativas – em médio prazo – das avaliações escolares indicando estudantes meninas e meninos e o quanto as meninas sofriam discriminação na hora da correção... A discriminação era evidente... Quando as/os autoras/es foram ver a razão, averiguaram que as/os professoras/es diziam que as meninas

---

<sup>9</sup> A Profa. Irinéa faz um alerta sobre a perspectiva ativista com viés mais subjetivo. Isso não significa que a Ciência deva se descompromissar socialmente, buscando uma suposta neutralidade ou verdade absoluta, ignorando, assim, os posicionamentos dos diferentes grupos sociais. O alerta é sobre ativismos que produzem seleções enviesadas de dados e interpretações tendenciosas de resultados das pesquisas.

não sabiam mesmo, enquanto que se os meninos haviam cometido um equívoco, eles deviam saber de algo. Isso mostrou grande influência na correção de resoluções das questões de maneira incompleta, nas quais se davam mais pontos para os meninos do que para as meninas. Fiquei chocadíssima, porque imaginei que isso não deveria acontecer. Mas aconteceu, estudado e demonstrado estatisticamente, esse tipo de comportamento... Depois, lemos outros artigos quanto às barreiras para que as meninas conseguissem ser escutadas em suas perguntas, para não serem tratadas como inadequadas, impertinentes e desacreditadas. A Profa. Bettina, na pós-graduação, trouxe-me um relato do colégio no qual ela estava trabalhando, quando escutou, na secretaria do colégio, se não me engano, de um professor de Física, que estava reclamando que as meninas falavam demais, perguntavam demais, atrapalhavam a aula perguntando demais... Isso sem falar o que as meninas já lhe contavam, das brigas entre meninas e meninos em sala de aula, e esses sempre querendo tratá-las como faladeiras, porque elas estavam curiosas e queriam debater. Então, esse entrelaçamento de fenômeno social brasileiro com a literatura internacional está evidente! Embora o que eu li fosse de registros no norte global, fosse no âmbito europeu e norte-americano, o mesmo fenômeno estava acontecendo aqui, no interior do Paraná... E esse estudo lido se deu no final do século XX e início do século XXI lá, né? E, aqui, aconteceu, ao vivo e em cores, como se diz, recentemente. Assim, começamos a perceber uma série de comportamentos que nem nós, no grupo de pesquisas, conseguíamos identificar que era uma discriminação de gênero. Lembro-me de conversar com a Profa. Ângela, na época da banca do Prof. Vinícius Bastos<sup>10</sup>... Houve coisas que entendi, por exemplo, que eu havia sido discriminada, apenas quando fui vendo a dinâmica de quantos cortes profissionais eu sofri, quantos obstáculos eu tive que retirar da minha frente para eu fazer a minha trajetória profissional. E que eu naturalizava como: *“Ah, era aquela pessoa que era chata, ou aquele professor que, sei lá, não gostava de menina”*... Mas eu nem me ligava que era uma questão de gênero, sabe? Não era uma questão pessoal minha... E foi bastante libertador saber que não foi a gente que provocou nada, mas, sim, o *status* discriminatório. E, ao mesmo tempo, a resistência... Observei a resistência em relação às pessoas que não estavam a fim de encarar, de desnaturalizar essas violências... Principalmente entre meninos, mas, também, com meninas... E fiquei

---

<sup>10</sup> Para saber mais, consultar a dissertação de Vinícius Colussi Bastos: Gênero na formação inicial de docentes de Biologia: uma unidade didática como possível estratégia de sensibilização e incorporação da temática no currículo. Disponível em: <<https://pos.uel.br/pecem/wp-content/uploads/2021/08/BASTOS-Vinicius-Colussi.pdf>> .

diante da surpresa de perceber o que é uma mentalidade machista naturalizada, do sistema patriarcal, que invisibiliza as violências e atrasa nossas vidas e nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

**Entrevistadoras/es:** É realmente uma violação quando nós pensamos nesse decalque da diferença sexual ou das expectativas e performances sociais esperadas para meninos e meninas nas escolas, em diferentes níveis, tanto na educação básica como no ensino superior. É uma honra para a gente as trajetórias de vocês, compartilhadas, aqui, conosco, no sentido não somente dessa genealogia, de nos lembrarmos das pesquisas anteriores, das pesquisas atuais, de como a gente faz o nosso campo de atuação, de trabalho e pesquisa, mas também no intuito de apontar como a gente foi desobedecendo... Queremos fazer um gancho... A professora Ângela tem um artigo muito emblemático, muito marcante, no qual ela denuncia o androcentrismo no Ensino de Ciências, em particular, na nossa área de formação que é em Ciências Biológicas<sup>11</sup>.

**Profa. Ângela Freire:** Vejam... Eu posso começar a falar para vocês a partir de duas perspectivas: uma mais profissional e outra mais pessoal, pode ser? Então, assim, do ponto de vista profissional, eu venho de um departamento de Ciências Biológicas, de Ensino de Biologia na UFBA. E, nesse departamento, embora a gente tivesse, assim, aquele conteúdo típico da Biologia, de formação docente dentro da Biologia, a gente tinha uma professora diferente, a Tereza Cristina Fagundes, com formação em pedagogia, que criou um programa de Educação Sexual em 1980 – um projeto de extensão, e o discurso dela entremeava tanto a preocupação com a sexualidade mesma, mas também com algumas questões de gênero. Então, eu fui me aproximando e me envolvendo com aquele universo bem diferente da minha Biologia Celular e Molecular. Mais tarde, quando ela criou uma disciplina, na década de 1990, sobre sexualidade e Educação, eu me vi docente junto a ela nessa disciplina. Então, houve esse encontro profissional, esse interesse realmente genuíno meu, mas muito provocado pela realidade que a Tereza Cristina Fagundes trazia ao departamento, em meio a muito preconceito, vocês imaginam, né? Lá, nos anos de 1980... Agora, vem a minha análise... Eu gosto de juntar a isso a minha vida pessoal. Vejam, fiz mestrado na década de 1980, concluí em 1985, e só fui fazer doutorado nos anos 2000. Quando fui me questionar a respeito das questões da minha

---

<sup>11</sup> Para se inteirar da discussão apresentada no artigo, consulte o link: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/download/3025/2393>>.

vida profissional e acadêmica, eu percebi que havia transcorrido 15 anos entre o mestrado e o doutorado, tempo que dediquei para fazer crescer os meus filhos. A minha condição de mulher e mãe interferiu decisivamente nos rumos da minha carreira. Não me arrependo absolutamente de nada; eu construí uma carreira da qual me orgulho muito, mas tenho um hiato de 15 anos em termos de formação profissional, digamos assim, por conta da minha condição de mulher e de ser mãe de três meninos. Quando eles chegaram à adolescência, recomeço minha vida, vou pegar o título... Quero dizer... Eu não estava parada, eu estava trabalhando, mas comecei a me dedicar mais diretamente com a minha realidade de mulher e mãe, tentando construir uma carreira acadêmica. E, aí, vou estudar o androcentrismo, que me marcou em vários aspectos. Do ponto de vista estrutural, as carreiras acadêmicas de pesquisadoras/es são construídas por homens e para homens. Eu vejo claramente isso. Eu vi a facilidade com a qual os meus amigos homens construíam suas carreiras, saíram para fazer seus cursos, suas formações muito mais rapidamente do que nós, mulheres, conseguimos fazer. E do ponto de vista simbólico... Nossa! Tem uma história, tem um constructo teórico enorme mostrando como o androcentrismo, do ponto de vista simbólico, marca as nossas Ciências Naturais e Exatas. Em 2003, concluí o meu doutorado falando exatamente desse androcentrismo na formação de biólogas, na construção de suas carreiras ao longo do tempo, associando os seus papéis sociais de mulher e mãe com as carreiras, e como isso, juntamente com, digamos assim, o patriarcado, forte e decisivamente tem se distribuído em todos os setores da sociedade, especialmente no campo científico. A gente tem que se lembrar daquele conceito de campo do Bourdieu<sup>12</sup>, que é muito interessante... O nosso campo é muito marcado por esse androcentrismo. E o que eu descobro, naquele tempo, na minha tese, é avassalador. Conforme trouxe a Profa. Irinéa, quando nós tiramos as vendas, quando a gente olha com os olhos de gênero, como eu gosto de dizer, a gente vê com clareza como é esse androcentrismo é forte, não apenas do ponto de vista estrutural, mas também do ponto de vista relacional, simbólico e, mais que tudo, do nosso ponto de vista epistemológico. O modo de construir o conhecimento, o modo como a gente produz os saberes, o modo

---

<sup>12</sup> O campo, para Bourdieu, é entendido como um espaço social estruturado, no qual diferentes agentes disputam o capital econômico, simbólico ou cultural e posições específicas e relações de poder que determinam regras, negociações, domínios, etc. Em relação ao campo acadêmico, os agentes (pesquisadores, professores) homens tem mais reconhecimento e valorização científica que a agência estabelecida por mulheres. O capital científico masculino (status, títulos, publicações) é o mais valorizado, naturalizando, de certa feita, a visibilidade e o prestígio androcentrado.

como as condições no campo se dão para a gente construir os saberes são profundamente marcados pelo androcentrismo.

**Profa. Kelly Fernandes:** Bem, eu tive outro *insight* sobre a minha formação e desejo falar disso agora... De quando eu me dou conta do androcentrismo, agora, na escrita da tese... Venho pensando sobre toda a minha trajetória na graduação, na formação, tanto no bacharel quanto na licenciatura em Biologia, nesse corpo que não pertencia a essa formação, né? Eu me pensava muito a partir de um viés, de uma episteme colonial, racista, que estrutura a formação... Não somente na Biologia, mas em todas as Ciências Modernas... Que acaba por atravessar os currículos de forma hegemônica também. E quando a Profa. Fabiana e vocês falam do androcentrismo, e a Profa. Ângela fala de as carreiras serem pensadas por homens para homens, eu vou adicionar a categoria raça... Ou seja, pensada por homens brancos e para homens brancos! Durante a minha graduação, eu também não me via porque, de alguma forma, isso não era dito com as palavras, mas de forma implícita, a nós, mulheres. Nós éramos convocadas a performar um ser biólogo, né? Esse homem desbravador da floresta, da natureza... Um homem branco, heterossexual de preferência, que vê a natureza como um objeto, como algo a ser dominado. Talvez, na época, eu não sabia nomear essa relação colonial. Hoje, no entanto, quando olho para a minha prática enquanto professora na formação, eu penso que, a todo o momento, de forma intuitiva, e com acúmulo [de experiência]... Com um tanto de estudo e com o quanto de mulheres que eu encontrei e venho encontrando ao longo da minha vida, que me fazem tensionar esse modelo de formação, discutir que ele é uma forma de normalizar os corpos das mulheres, mas também dos homens... Uma forma de ser masculino, ou seja, dessa masculinidade que, para eu ser professora de biologia ou para eu ser bióloga, eu preciso performar uma agressividade, um jeito de não estar... Um não pensar nas minhas... Eu nem vou falar nas emoções, né? Mas, assim, um valorizar o aspecto racional de ser, valorizando somente a razão. Eu fiquei pensando nessa questão... E essa foi uma das coisas que me fez aceitar também a entrevista, quando vi a proposta do dossiê: pensar gênero e sexualidade a partir do eixo da desobediência, da resistência, da liberdade... Porque, a meu ver, desobedecer a esse modelo é pensar o gênero e sexualidade na minha vida. Então, não é a minha vida e depois a minha vida como professora e a minha vida como pesquisadora. É professora, pesquisadora e mulher e iniciante na capoeira angola, angoleira... [risos]. Está tudo misturado. Se eu pudesse escrever tudo junto, eu escreveria tudo junto, sem espaço. Então, desobedecer a esse

modelo que vai dizer que a gente tem que separar, fragmentar... Pensar nisso... Nesses encontros nos quais a gente se deparou com essas aproximações à raça, ao gênero e comigo... Foi bom ter escutado isso, perceber como os movimentos sociais sempre atravessaram a minha vida, né? Então, desde a minha participação no movimento negro estudantil, depois na universidade, depois quando eu saio da universidade, entre o mestrado e o doutorado, quando eu entro para o movimento, o movimento pensado a partir do feminismo negro... Entre outras coisas... A Profa. Ângela deve conhecer uma querida que já não está mais aqui, entre nós, que é a que é a Antônia Garcia...

**Profa. Ângela:** Antônia Garcia, sim. Maravilhosa!

**Profa. Kelly Fernandes:** Fiz parte do Centro da Mulher Baiana com ela. Antônia Garcia é uma mulher negra, precursora do feminismo negro<sup>13</sup>. Eu preciso dizer isso, uma mulher de luta, um exemplo de mulher de luta, grande Antônia Garcia! Então, assim, ter passado alguns anos com ela, a gente planejando e executando projetos pelo Centro da Mulher Baiana (CEM), que é um movimento pensado, voltado para o subúrbio ferroviário, de onde ela veio, pensando ações educativas com mulheres, jovens, mas sempre pautando uma vida melhor para as mulheres negras também, principalmente as mulheres negras moradoras do subúrbio. Então, esse encontro com a Antônia, que não foi na academia, mas também foi através da academia, foi na vida, assim, foi importante e devo celebrar... Logo, há essas desobediências que o meu corpo foi fazendo de forma a questionador um modo de vida pelo qual eu já não estava mais a fim de ser subalternizada. Hoje, eu integro a Capoeira Angola num grupo num grupo que tem duas |mulheres negras como fundadoras, Mestre Janja Araújo e Mestre Paulinha Barreto. Num grupo onde nós, mulheres, tocamos o berimbau e integramos a primeira orquestra de mulheres tocando esse instrumento. Então, todos esses atravessamentos vão me conduzindo nesses lugares, seja na capoeira, seja nos movimentos sociais, seja na universidade, na docência, na pesquisa, no questionar esses lugares que interditam nossas presenças, nossas existências...

---

<sup>13</sup> Antônia dos Santos Garcia, militante da luta antirracista e feminista na Bahia, pesquisadora da UFBA, formada em Ciências Sociais, Mestre em Geografia, Doutora em Planejamento Urbano e Regional e Pós-doutora em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher.

**Profa. Irinéa Batista:** A questão do androcentrismo é um aspecto dos mais sensíveis. Quanto ao machismo, eu já tinha consciência, obviamente... Patriarcado, sim! Mas havia uma ingenuidade de minha parte... Nem todas as armadilhas eu percebia direito, né? Mas, quando a gente foi estudando as questões do androcentrismo na anatomia humana, fomos percebendo que a anatomia feminina somente se tornou conhecida mesmo em meados do século XX. Apesar de haver estudos anteriores, cito uma questão do sistema genital, em torno de 1680, mas isso ninguém anotava nos anuários de anatomia humana. E o que dizer dos esqueletos dos laboratórios? O esqueleto masculino como padrão, né? Eu questioneei... Não é possível, não é Ciência de fato, não é uma Ciência Biológica de alta qualidade... Então, eu não tinha conhecimento disso. E quando você começa a conhecer que toda a indústria de medicamentos, que somente usava o corpo masculino como referência nos testes de medicamentos, e que isso acaba causando uma série de sequelas nas mulheres, por exemplo, quando elas passam a usar esses medicamentos, é muito impactante! Nos Estados Unidos, após nova regulamentação da *Food and Drug Administration* (FDA), essa questão só começa a se modificar nos anos 2000. Então, é um absurdo! E não é somente androcêntrico, é anticientífico! É uma metodologia de Ciência enviesada, não tem nada de imparcialidade cognitiva nisso... E, por um lado, claro, tinham os interesses econômicos, porque é mais fácil testar no corpo masculino, mas, por outro, também uma desvalorização de que essa mulher pode morrer. E daí, né? Tanto faz? E vários casos ocorreram... A Talidomida, por exemplo, morreram mulheres, crianças nasceram anencéfalas, enfim, foi um crime contra a humanidade. Isso do que a gente sabe, né? Então, quanto ao androcentrismo, por exemplo, na minha área, na Física, o que eu percebo hoje, depois de estudar bastante as questões dos valores cognitivos e de cognição humana, é que quando as mulheres participam da pesquisa, elas têm uma flexibilidade cognitiva bastante grande para trabalhar com modelos, no que se entende na tradição epistemológica como tradição semântica, do que na tradição axiomática, que esteve muito associada ao pensamento positivista. Então, quando as mulheres começam a trabalhar, elas têm um alto destaque nas Ciências Aplicadas, assim como uma alta produtividade e uma alta compreensão. Porém, muitas vezes, elas são “atropeladas”, como aconteceu com a físico-química Rosalind Franklin<sup>14</sup>. Ela foi

---

<sup>14</sup> Em 1953, a propriedade intelectual e as técnicas de Raios-X para estudos de DNA elaborados por Rosalind Franklin foram utilizadas sem sua autorização pelos cientistas Watson e Crick, considerados os “pais” do modelo de dupla hélice do DNA. Franklin não foi devidamente creditada como coautora ou colaboradora essencial no modelo, já Watson e Crick receberam o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina,

roubada, foi “atropelada” por dois cientistas homens e mais outro colega de seu instituto. E a Emmy Noether, uma das matemáticas mais importantes do século XX, conhecida por sua contribuição fundamental à Matemática, à Física Teórica, postuladora do Teorema de Noether, que a gente usa em Física Quântica... Eu não sabia que se tratava de uma mulher, entendeu? Eu a tomava por homem. E isso faz uma grande diferença quando você vê seus pares ali, né? Então, quando a gente vê o androcentrismo no objeto científico, a gente vê que isso é um erro no enfoque metodológico e, portanto, a gente tem uma construção, uma explicação científica que não é imparcial, nem tende a ser imparcial. Ela é enviesada, então, ela é mal feita. O androcentrismo faz mal à Ciência. Isso é fato científico, certo? O machismo e o patriarcalismo também fazem mal à Ciência... A gente não tem 50% da humanidade contribuindo para a produção do conhecimento científico. Bloqueadas, subalternizadas, como a Profa. Kelly mencionou, que foram sabotadas em seus financiamentos de pesquisa. Estou percebendo pelas bolsas Produtividade em Pesquisa (PQ) da UEL e região que está havendo, de novo, uma tendência a aprovar mais bolsa para homens do que para cientistas mulheres. O que é, infelizmente, coerente com a realidade do Brasil... Mas a comunidade de pesquisa está refletindo esse movimento machista de dar prioridade aos homens. Então, é lamentável isso, porque há gente menos competente que as mulheres que estavam competindo, mas que levaram a bolsa. É muito triste o relato que eu estou fazendo; lamento com muita tristeza que isso esteja acontecendo no CNPq... Essa minha avaliação ainda é a de 2022 para 2023<sup>15</sup>, então, eu não sei se agora a distribuição de bolsas terá equilíbrio, mas que aconteceu, aconteceu!

**Profa. Mariana Brasil:** Queria pegar esse gancho da Profa. Irinéa para também trazer um relato do que aconteceu agora, há pouco tempo, aqui em Santa Catarina. Não sei se vocês ficaram sabendo, mas a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC) negou uma série de bolsas de estudo (de doutorado e pós-doutorado) a muitas pesquisas. Pesquisas de grandes pesquisadoras de nossa universidade, que estavam inscritas no edital, relacionadas às questões de gênero e sexualidade. Não sei se vocês ouviram essa notícia, pois já foi denunciado há mais de um mês ou dois. São colegas do Centro Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, colegas que têm grandes

---

em 1962, pela descoberta. A importância de Rosalind Franklin é amplamente reconhecida; sua história é usada como exemplo dos desafios enfrentados pelas mulheres na Ciência.

<sup>15</sup> Para saber mais, consulte a matéria: “Mulheres são só 36% das bolsistas PQ do CNPq há 20 anos”. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/myOU8>>.

projetos, como a Profa. Miriam Grossi e uma série de nomes importantes dos estudos de gênero. Gente que tem orientadas/es/os submetendo esses projetos. E a FAPESC simplesmente responde que as pesquisas em questão não estão alinhadas com a proposta e com a agenda político-científica de Santa Catarina<sup>16</sup>. Quando a Profa. Irinéa apresenta essa questão, acho que é importante a gente pensar como está a agenda política de Santa Catarina na atualidade, quem está fazendo essa proposta política para o Estado, mas, também, trazer uma coisa que eu pensaria... A Profa. Irinéa também falou isso no início da entrevista, da proposta de uma Ciência não ativista. Porém, ao mesmo tempo, eu acho que o termo não é esse... Mas é uma Ciência militante – eu acho importante a gente trazer essa ideia! Concordo um pouco com a Profa. Kelly, nesse sentido, com a ideia dos movimentos sociais estarem mais juntos e prontificados com os espaços acadêmicos, nos espaços acadêmicos, inclusive, auxiliando na definição das pautas, das agendas político-científicas.

**Profa. Irinéa:** Sim, mas só precisando... Militante não é a mesma coisa que ativista.

**Profa. Mariana:** Sim, mas eu estou diferenciando, não falando de uma Ciência ativista, mas da importância de uma Ciência militante, porque eu acredito que seja importante que a gente, ao politizar o espaço científico, como você bem traz, quando a gente olha e finge que esse espaço não é político... Sim, ele é sim! E para a gente poder ir adiante com essa ideia, precisamos politizá-lo efetivamente! Explicitar essas políticas... Eu lembro que eu li, há um tempo, um artigo de opinião de uma colega da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), da Profa. Tatiana Galieta Nascimento<sup>17</sup>, no qual ela traz uma discussão sobre o porquê de estarmos perdendo, porque a Ciência e Tecnologia estão perdendo a agenda política, político-científica, alguma coisa assim. Ela vai dizer que nós, enquanto academia, em muitos momentos, nos afastamos desse espaço social; e, a ideia da produção científica não vai se atentar ao que a população, ao que as pessoas e a sociedade precisam. Vai perguntar o que nós, enquanto doutoras/es, e o que as/os fazedoras/es de política – que também, às vezes, estão muito distanciados dos espaços de

---

<sup>16</sup> Para saber mais, consulte a matéria: “FAPESC nega apoio a projetos de gênero e sexualidade”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2024/10/fundacao-de-sc-nega-apoio-a-projetos-sobre-questoes-de-genero-e-sexualidade.shtml>>.

<sup>17</sup> Leia o artigo “Por que a ciência está perdendo a disputa de conhecimentos?” pelo link: <<http://rbeducaacaobasica.com.br/2020/05/06/por-que-a-ciencia-esta-perdendo-a-disputa-de-conhecimentos/>>

militância –, estamos propondo como agenda política ou científica. E, nesse sentido, eu acho que estudar as questões de gênero e os estudos feministas me trouxeram muito para a ideia de que a gente tem que, também, não apenas pensar na produção da Educação Científica, politizando a Ciência, mostrando como a Ciência é politizada, mas apontar que dizer o contrário, é uma forma de política também... E também nos perguntar como é que as nossas pesquisas estão impactando, dialogando ou como estão atendendo a certas populações que estão, nesse momento, muito alheias, muito afastadas dessas decisões político-científicas. Não é apenas uma questão de levar o conhecimento da universidade para a sociedade, mas, ao contrário, é perguntar como nós, da universidade, podemos servir como servidoras públicas que somos. Qual público? E a que público? Eu acho que são perguntas importantes para a gente pensar dentro das nossas agendas de pesquisa, nesse sentido, também, mais militante.

**Profa. Ângela Freire:** Eu quero voltar ao androcentrismo... Eu só queria complementar, porque não ficou muito claro o que eu queria dizer sobre o androcentrismo na Biologia... É que a gente caminha, caminha... E sempre dá de cara com ele! Eu não estou falando apenas de décadas atrás, embora seja sempre bom lembrar que, há décadas atrás, o laboratório de Morgan era todo cheio de mulheres, mas quem liderava os trabalhos era o geneticista Morgan. Todas nós, biólogas/os, sabemos que a gente não estuda Biologia, a gente estuda é a drosófila [risos]. E a gente sabe que o laboratório... Bem... Tem um livro interessantíssimo, que recomendo sempre... Acho que todo mundo aqui leu ou já ouviu falar, é o *“Lords of the Fly”* (O Senhor das Moscas), que é sobre exatamente o Thomas Morgan. Seu laboratório era repleto de mulheres e os grandes *“gols”* que ele alcançou, que ele fez nesse laboratório, na verdade, foram obras das mulheres que trabalhavam com ele! Então, tem isso lá atrás, tem isso com a Rosalind Franklin, já citada aqui, tem isso com a Barbara McClintock<sup>18</sup>, e tem agora com as nossas colegas biólogas que estão com a barriga encostada na bancada. Por incrível que pareça, a gente tem relatos, hoje, de uma discriminação quanto às capacidades cognitivas das mulheres em muitos ambientes. Na neurociência tem gente como a Cordelia Fine, uma excelente teórica e divulgadora da Ciência, com um livro de título bem chamativo: *“Homens não são de Marte, Mulheres não são de Vênus: Como a nossa mente, a sociedade e o*

---

<sup>18</sup> Barbara McClintock, por ser uma geneticista mulher, foi desacreditada por seus pares em relação às suas explicações quanto à transposição genética. Barbara foi a primeira mulher a receber o prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, em 1983.

*neurosexismo criam a diferença entre os sexos*”, no qual ela apresenta ou erros metodológicos da neurociência, que é isso que a Profa. Irinéa trouxe agora, que é superimportante... Que é a questão metodológica, tem erros metodológicos descritos que conduziram afirmações que colocaram as mulheres num patamar cognitivo inferior ao dos homens. Então, a neurociência de agora, na primeira, segunda, terceira década dos anos 2000, fala, afirma que há diferenças biológicas e neurológicas importantes que conduzem as mulheres às Ciências, digamos, Humanas e os homens às Ciências Naturais. Então, esse androcentrismo é básico, é fundamental, ele é potente em diversas áreas, mas me preocupa, sobretudo, na questão do próprio conhecimento, de como a gente faz, como é que a gente ensina Biologia no Ensino Médio e como ensina Ciências lá no ensino fundamental. Então, eu sei que a gente... Eu não queria perder de vista que a gente tem que ter clareza quando forma professoras/es de Biologia. Clareza da importância de desmistificar coisas assim; e de mostrar, claramente, que na história da construção do conhecimento na nossa área, aconteceram muitos desses casos, aconteceram muitos, inúmeros casos de subordinação, para usar a palavra que a Profa. Kelly usou, de subalternização das mulheres nos laboratórios, na assunção do produto do conhecimento, do produto das pesquisas, na divulgação, na Física também tem isso, não é mesmo, Profa. Irinéa? Têm as meninas do laboratório lá, da Inglaterra, as astrônomas todas que ficaram no esquecimento, enquanto o dono do laboratório assumia toda a produção. Enfim, eu só queria não deixar de marcar isso... Como diz o povo aqui na Bahia: “*o buraco é mais embaixo*”! Quer dizer, a gente tem mais problemas nas profundezas antes da gente chegar a discutir, a pensar em outras questões.

**Entrevistadoras/es:** Poderíamos pegar esse gancho que a Profa. Ângela trouxe agora, que é o do ensino... Pensar tanto na formação de professoras/es como na educação básica. Que impactos vocês acreditam que essa perspectiva centrada no masculino (e/ou no patriarcado) gera nas práticas pedagógicas e no desenvolvimento de conteúdos em áreas como Ciências e Matemática?

**Profa. Irinéa:** Vou relatar um fato recente. Outro dia, eu estive conversando a respeito dessas questões das meninas serem discriminadas cognitivamente. Uma colega da Física comentou de outro professor do departamento, que falou assim, se referindo a uma estudante: “*É, ela que não pense porque ela é bonitinha que ela vai tirar nota maior, entendeu*”? Outro episódio foi há alguns anos, final de 2018 e início de 2019, as meninas

do Centro de Ciências Exatas [da UEL], da Matemática, da Física, da Química, da Bioquímica e da Biotecnologia, e também as meninas das Engenharias, montaram um grupo porque elas estavam se sentindo acuadas dentro dos cursos pelos homens, sejam pelos professores ou por seus colegas... As meninas da Engenharia são poucas e elas se sentiam assim, em pânico... É isso que eu temo... Pela agressividade, pela discriminação, pela desvalorização, pelo rebaixamento... É uma coisa horrorosa, gente! Eu não passava por isso na minha época... Eu tinha um monte de amigas que faziam Engenharia. Atravessávamos a noite, fazendo exercícios de Física, por exemplo, eu e mais quatro meninos... Às vezes, eu dormia na república, às vezes, pegava minha bicicletinha, três horas da manhã, e ia para casa... Ninguém me faltava com respeito, era tudo amizade mesmo, era uma coisa assim, “*tamo junto*”, sabe, era coleguismo... Hoje, as meninas não conseguem mais estudar sozinhas com os meninos. Elas vieram me procurar quando souberam que eu trabalhava com isso [gênero] para eu dar orientações. E, quando a gente se reuniu com a coordenadora de curso, que era uma e engenheira, fomos até um bar, fora do ambiente acadêmico, para todo mundo ficar à vontade. Ali, ninguém era servidor público. As estudantes fizeram os seus relatos, eu fiz o meu, a engenheira fez o dela e me surpreendeu quando falou assim: “*Nossa, gente! Eu não vejo nada disso*”... Pior: desvalidando ou invalidando toda aquela experiência de sofrimento que as meninas estudantes estavam vivendo e relatando. Então, infelizmente, isso [violência contra mulher] é um fenômeno mundial que está recrudescendo. Há, por exemplo, um movimento nas redes sociais chamado: “*Red Pill*”, que fala que homens têm que tomar a pílula da revelação, em um movimento misógino que acontece na *deep web*. Vocês já sabem desse “*Red Pill*”<sup>19</sup>, né? E, incrivelmente, isso ocorre também em países com a educação universalizada, como a Alemanha! Se vocês pegarem a *Deutsche Welle* ou a *BBC*, os jornais, verão como os homens jovens estão adotando discursos de extrema-direita e ações discriminatórias. O que fazer para mudar isso? Eu sempre acredito que é no processo educacional. Essa é uma das coisas nas quais nosso grupo de pesquisa é pioneiro na Educação Científica. Em 2011, fizemos um levantamento e publicamos a respeito de formação de professoras/es [a partir dos estudos de gênero no Ensino de Ciências e Matemática]. Nada encontramos na época, nem nos anais de eventos da

---

<sup>19</sup> A Profa. Irinéa remete-se aos movimentos masculinistas que dominam o submundo da internet e influenciam jovens a proferirem discursos de ódio contra mulheres. Para saber mais, acesse o artigo de Marta Bellini e Fabiana Aparecida de Carvalho: “Tem incel na universidade? grupos masculinistas de ódio – dos fóruns virtuais de discussão à vida acadêmica”, disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/87767>>.

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Não havia um trabalho a respeito de como formar professoras/es sensíveis às questões de gênero e preparadas/os para trabalhar desigualdades em sala de aula<sup>20</sup>. O grupo trouxe uma discussão cidadã, civilizatória, não apenas quanto à igualdade, pois focamos na equidade de gênero. Antes mesmo das publicações de 2015 da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), nosso grupo de pesquisa já estava publicando no Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). E, assim continuamos nossas pesquisas. Quando vai mudar a realidade de uma sociedade discriminatória dessas se você não forma professoras/es conscientizadas/os e preparadas/os com estratégias para gerenciar, mediar conflitos, para desnaturalizar os papéis nos quais a gente é formada/o? Eu me lembro até que um membro da nossa equipe, uma vez, em uma reunião, virou e falou assim: *“mas eu, professor de Biologia, não tenho que falar disso”*. E, depois, outro também orientando, falou honestamente: *“Professora, eu sou um homem numa família de quatro, três irmãs e eu. Se as mulheres não se articularem, os homens não vão, naturalmente, fazer esse protagonismo”*. Então, a gente sempre quer parceria com os nossos colegas, mas as mulheres têm que se articular, e o que eu percebo depois de 13 anos pesquisando nisso [gênero] é que as mulheres reproduzem isso! Elas não formam o coleguismo, a sororidade que nós deveríamos ter para conosco, fazer lado a lado com os homens, a exemplo do Prof. Sandro, que está aqui entre nós. Então, é uma questão política também, não é? É uma questão civilizatória, humanística, mas é uma questão política. Se as mulheres não se unem às mulheres, não serão os homens que irão falar por nós.

**Entrevistadoras/es:** Vemos que essa é uma questão de um sistema-mundo que nos atravessa. Nós estamos falando aqui de androcentrismo e, de certa maneira, também do masculinismo, que agora vem mais recrudescido em movimentos conservadores de extrema-direita. Cada um também tem uma influência, vamos dizer, assim, social, quando a gente pensa nesse sistema-mundo. E nós somos atravessadas/os por esse sistema-mundo, pela ordem da linguagem, pela ordem da ideologia e nesse sentido vai. cremos

---

<sup>20</sup> A Profa. Irinéa refere-se ao contexto específico da formação docente no Ensino de Ciências – Gênero e Feminismo. Vale lembrar que, nas demais áreas educacionais e nas Ciências Humanas, a ANPED abarca pesquisas e demais trabalhos acadêmicos que versam sobre Gênero no Grupo de Trabalho (GT) 23 - Gênero, Sexualidade e Educação, bem como trabalhos com as intersecções de gênero, raça, etnia e classe no GT 21– Educação e Relações Étnico-Raciais e no Grupo de Estudo Corpo e Educação, entre outros vinculados à Associação.

que, talvez, seja importante essa articulação no contexto de compreendermos como essas questões ideológicas, discursivas ou sociais nos atravessam nesse mundo e nessa sociedade na qual vivemos e que cada vez mais expande as estruturas de desigualdade social. A gente vai repetindo os modos colonialistas, enfim... E vamos passar a palavra para a Profa. Kelly, pois temos a certeza de que ela falará, em relação a nós, com mais propriedade sobre essas questões. E aí pensando nessas coisas que as senhoras, professoras, antecipam e trazem para a discussão, como as discussões de gênero, como a Profa. Bettina já destacou, poderiam, de alguma forma, estarem presentes e serem abordadas nas licenciaturas em Ciências, de acordo com as frentes de pesquisas de vocês e com o papel que vocês desempenham também na atuação na educação básica. Como poderíamos trazer essas discussões? Há essa resistência mesmo, conforme apontada pela Profa. Irinéa, dentro das instituições quando tentamos fazer a inclusão das discussões de gênero?

**Profa. Kelly Fernandes:** Lembrei-me agora de um livro lançado pela *bell hooks*, que é o “*Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança*”. Logo no início do livro, a *bell hooks* vai dizer que um dos caminhos para esperar – uma palavra que vocês apresentam no dossiê, para ensinar a comunidade, recuperar, talvez, o sentimento de comunidade, é inventar um caminho de conexão entre as pessoas. Então, fico pensando... Hoje, em meu grupo de pesquisa, eu estava pensando sobre isso que foi questionado agora, como é que a gente faz, nos desafios que a gente tem para pensar em relação ao ensino médio, enfim, à Biologia, ao Ensino de Ciências da educação básica e à formação de professoras/es? Como é que a gente pode fazer esse se reconectar consigo mesmo? As mulheres se reconectarem consigo e com outras? Quando a gente abre, por exemplo, um livro de Biologia, e o material nos convida a ver, naqueles capítulos que têm escrito sistema genital feminino, que, muitas vezes, são corpos de mulheres brancas... E, ainda que sejam corpos de mulheres brancas, são corpos em pedaços. Então, se vai falar da vulva, é a parte da vulva... Vai-se falar do meu pulmão, eu estou no capítulo do sistema respiratório... Vai-se falar da minha cabeça, vai passar a minha cabeça no sistema nervoso. Então, como é que a gente pode se reconectar quando o livro está ensinando que existem corpos que são pedaços, corpos que são objetos? Porque se eu sou objeto, como é que na relação com a minha/meu colega de classe, com o professor/a que está formando me vai ver inteira? E a gente já vê, por exemplo, hoje, discussões feitas por mulheres sobre como pensar a sexualidade e o prazer da mulher. A sexualidade, o prazer e o

orgasmo não vêm de um único órgão, mas vêm através do pé até o fio de cabelo... Se a gente não estiver inteira, se a gente não for considerada inteira, a gente não sente prazer. Então, inclusive, até hoje, homens já vêm pensando outra forma de masculinidade que não seja centrada na questão do falo, do pênis, pois os homens precisam se pensar como homens inteiros, pensar o prazer para além do órgão sexual. Então, eu acho que se a gente pensa a formação de professoras/es de Biologia... Exemplo... Uma vez eu escutei numa disciplina de estágio, estávamos conversando sobre os medos de ir para a sala de aula, e uma aluna falou: “*Professora, eu tenho medo da minha voz baixa, da minha voz fina, eu acho que as/os estudantes não vão me respeitar se eu for à sala de aula, e como eu lido com isso*”? A gente, na hora, discutiu... Tá, então, faz diferença ser um homem professor de Biologia? Porque ela estava com medo da voz dela, porque ela sabia... De alguma forma, aprendeu que, nessa sociedade, os homens falam grosso... E, daí, já questionando, por exemplo, esse padrão que a gente, às vezes, ensina, que eu fui ensinada, do que é ser homem, a gente aprende as características da adolescência, entre as quais, ter voz grossa! Quando nem todos os homens vão se encaixar nesse lugar, quando nem todos os homens vão ter pelo no corpo, ou, se mulheres vão ter ou não pelo no corpo. Então, eu fico pensando... Há uma forma de ensinar que vai padronizando os corpos! Um dos caminhos que me interessa muito como professora, na universidade, é fazer esse entrelaçamento de quando eu estava na educação básica e pensar a formação deste/a professor/a, na sala de aula. Então, faz diferença eu dar aula! Na minha sala de aula, eu tenho uma estudante lésbica, um estudante que tem relações homoafetivas, uma pessoa branca que não se identifica com nenhum gênero. Então, faz diferença, para mim, pensar caminhos nos quais essas pessoas se sintam bem. Daí, eu fico pensando o espaço da sala de aula, da educação, para trazer outro termo que vocês utilizaram na chamada do dossiê, fico pensando na educação com prática de liberdade. Assim, penso ser importante, a sala de aula deve ser vista como um espaço de encorajamento das pessoas. Mulheres precisam se encorajar, sabe? Se encorajar para ser o que quiserem ser, para na sala de aula não terem medo da voz fina ou da voz que, talvez, performe um masculino na nossa sociedade, né? Então, eu fico pensando nesse espaço de encorajamento. Na universidade, antes de estar na UEFS, eu estava na UNEB como professora substituta, eu e outra professora desenvolvemos um curso, um projeto de extensão, que era sobre conversas, narrativas e a formação de professoras/es antirracistas. As nossas duas bolsistas eram duas jovens negras, duas mulheres, mulheres da licenciatura, e uma das coisas que atravessou a nossa prática para pensar o projeto e o curso era pensar a formação delas. Então, elas

participaram do curso e do projeto não foi para fazer relatório, não foi para fazer atividades meramente técnicas, foi para que elas se formassem! Para elas se pensarem como professoras negras do curso de Biologia. Então, tudo era conversado entre elas. Havia nós, as pesquisadoras, mas também a gente estava junta, era um processo coletivo. Logo, eu acho que isso vem muito do nosso aprendizado, do meu aprendizado, dos movimentos [sociais] também, ou... Vem da capoeira, de onde não há uma hierarquização. Então, as minhas, nossas estagiárias não estavam lá para preencher atividades meramente técnicas, ou, como a Leidiane, que coordenava comigo, dizia: “*para ser a senhora que vai servir cafezinho*”. Estavam lá para fazer junto com a gente e nós perguntávamos: “*o que vocês pensam*”? Logo, são algumas coisas assim que eu penso estarem no atravessamento dessas relações e desse espaço de pesquisa, enfim, do ensino e da extensão como espaços encorajadores, como espaços nos quais as mulheres percam o medo de ser quem são, que deixem de ser tímidas, sabe? De questionar essa questão da timidez... A mestra Janja, minha mestra de capoeira, diz: “*Vocês ainda não têm o domínio*”... Não é uma ideia de que a gente não sabe aprender... A gente pode aprender, né? Ela sempre fala de focar na nossa potência, focar naquilo que a gente sabe. Logo, eu acho que, talvez, esse seja um dos caminhos! A coisa do ensino que eu venho pensando, hoje, na pesquisa de doutorado, é propor uma ampliação da noção de vida, né? No Ensino de Biologia, a gente ensina que Biologia significa ensinar vida, vamos dizer assim... Eu tenho pensado que a noção de vida que atravessa os currículos, que atravessa a formação, é uma noção de vida cunhada e pensada dentro de uma episteme sexista, androcêntrica, pensada por homens. Uma noção que vai pensar que a vida é tudo aquilo que existe em vidas que podem ser controladas, a sua e a do outro, né? Vidas: o controle pelo medo. Caramba, eu sou uma mulher negra e estou pensando uma ampliação da noção de vida! Então, eu acho que, talvez, encorajar mulheres nos espaços de pesquisa a pensarem em pesquisas a partir das suas vidas, sabe? A partir das suas epistemes, aquilo que faz sentido para elas. Pensar em todos os conteúdos... Revisar os livros didáticos, eu me lembrei, agora do Prof. Sandro, é importante que mulheres revisem o livro didático porque não dá mais para a gente estar em pedaços nos corpos<sup>21</sup>. Eu não quero me ver assim... Eu não sou uma vulva, um pedaço de uma vulva. Eu sou inteira, sabe? É

---

<sup>21</sup> A Profa. Kelly se refere aos estudos e pesquisas do Prof. Sandro sobre livros didáticos. Para saber mais, indicamos o artigo de Sandro Prado Santos; Fabricio Aparecido Gomes da Silva e Matheus Moura Martins: “Sexualidades e gêneros e educação em biologia menor e cartografias de suas pequenas redes em livros didáticos – PNLD/2018. Diversidade e Educação”, disponível em: <<http://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12626>>.

importante a gente falar disso na sala de aula, porque isso irá reverberar... Imaginem uma garota que se vê em pedaços do sexto ao nono ano, que chega ao Ensino de Biologia e se vê em pedaços [partes do corpo humano nos livros didáticos]... E, depois, a sociedade quer cobrar que ela seja inteira... Ou, ainda, que irá reclamar se ela for a valentona, se alguém falou que ela é faladeira ou desordeira, tal como as mulheres capoeiristas eram vistas. Logo, penso que há coisas, princípios que necessitamos no contexto da sala de aula... Enfim, há muito para falar! Semana passada eu estava observando o estágio de duas licenciandas, em aula numa turma de sexto ano, e a primeira coisa que eu percebi quando entrei para observar a regência foi a formação de uma mesa de garotos e uma mesa de meninas. Quem terminou a atividade primeiro? As meninas. Os meninos terminaram por último. E eu falei: gente, o que é isso? Essa é a forma com a qual os meninos entram e se relacionam, uma forma onde o afeto não cabe, uma forma agressiva? Logo, essas coisas estão aí para a gente pensar na sala de aula como professor/a. Vamos normalizar os meninos se sentirem separados das meninas? Como é que a gente cria relações afetuosas entre meninos e meninas, mulheres e mulheres, homens e homens, e com todas as diversidades possíveis – sexuais, de gênero, de raça, de cultura. Porque esses estudantes já sabem como se dividir! Eles já sabem que precisam andar nessas panelinhas... E essas panelinhas, como diz *bell hooks*, não ensinam a gente a esperar...

**Profa. Mariana Brasil:** Eu queria pegar o gancho que a Profa. Kelly traz. Achei superinteressante você estar pesquisando e propondo uma ampliação do conceito de vida. Acho incrível e faz muito sentido também pensar, como trazem as demais colegas, num outro sentido para o que é o conhecimento, né? Que conhecimento válido, como ele é feito. Eu acho que isso é caminhar de forma paralela! Uma das coisas que me aconteceu quando eu buscava trabalhar com as questões de gênero e sexualidade na formação docente em Biologia, é que as discussões que eu trazia, muito pautadas pelos Estudos Culturais e pelos dos Estudos Discursivos, eram bastante rejeitadas pelo pessoal da Biologia. Eu falava, não, espere aí, que isso é de humanas! Aí o Gabriel falou: “*Vocês são das desumanas, né*”? A gente, das humanas, tem que fazer outra coisa? Mas, enfim, eu fui buscar as biólogas que discutem essas coisas [gênero e sexualidade] dentro da Biologia. E eu não encontrei somente biólogas, mas achei Químicas, achei físicas, achei uma galera que discute, que traz uma discussão feminista para a construção do conhecimento científico. As biólogas vão problematizar como o conhecimento é construído através desse viés de gênero, como os conhecimentos se modificam, buscando,

depois, iniciar a proposta de uma Ciência feminista. E eu comecei a ter uma resposta interessante das/os minhas/meus estudantes de Biologia, trazendo a Biologia para fazer essas discussões. E trazer também a ideia de que apesar dessa Biologia, que algumas/alguns vão chamar de tradição ou maior – pesquisadoras/es aqui presentes – serem as Biologias que estão nos cursos formando as pessoas, há as Biologias menores<sup>22</sup>, que não são de tradição, as Biologias marginais, que estão trazendo outras formas de produção de conhecimento e outros conhecimentos para o espaço da Biologia. Então, nós estamos com esse campo em disputa. E o que fui buscar dentro das minhas pesquisas, na atualidade, para a minha prática de ensino, são essas Biologias menores, são elas que tenho abordado nas aulas. Então, voltei para as desumanas: para as biológicas. Não tanto a partir dos discursos sobre gênero, mas para a ideia, por exemplo, de Anne Fausto-Sterling<sup>23</sup>, que vai problematizar os dualismos, que vai buscar corporificar a ideia de gênero na Biologia. E também fui estudar o pessoal da História da Biologia, que vai problematizar os determinismos que estão enredados dentro dos cursos de Ciências Biológicas. O determinismo biológico está em tudo dentro dos cursos da Biologia, a gente só não enxerga muito bem isso porque está um pouco mais maquiado na atualidade. As neurobiólogas feministas têm uma rede agora, a *Neurogenderings*<sup>24</sup>, na qual elas vão buscar produzir uma ciência neurológica que não seja neurótica, no sentido machista e divisiva. Mas que está em construção e já conseguimos pensar outras coisas. Enfim, elas vão problematizar os seus próprios discursos, os discursos da Neurobiologia que trazem essas divisões entre as ideias de feminino e masculino. Então, pensando nessa coisa da estratégia de sala de aula, a minha foi um pouco nesse sentido, de buscar dentro da Biologia quais são os espaços nos quais os discursos da Biologia estão sendo problematizados. Logo, interessou-me muito sua proposta, Profa. Kelly... A de pensar essa ampliação do conceito de vida. Gostei muito!

---

<sup>22</sup> A profa. Mariana refere-se às pesquisas com os territórios da Educação em Biologia que têm se dedicado a pensar, junto a uma educação menor, cartografias inventivas com gênero e sexualidades. Para saber mais, acesse o artigo de Sandro Prado Santos; Elenita Pinheiro de Queiroz Silva e Matheus Moura Martins: “educação em biologia menor: livros didáticos e redes possíveis de desterritorialização de gêneros e sexualidades”. Disponível em: <<http://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/33788>>.

<sup>23</sup> A bióloga Anne Fausto-Sterling apresentou a ideia dos "cinco sexos" em um artigo influente publicado em 1993, intitulado "Os Cinco Sexos: Por que Homem e Mulher Não São Suficientes". A proposta visava desafiar a visão binária de sexo (masculino e feminino), argumentando que a diversidade biológica do corpo humano não pode ser adequadamente categorizada em apenas dois polos. Para saber mais: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/Lc9fctDNd8ZxKnkvrRJtJwDH/abstract/?lang=pt>>.

<sup>24</sup> Para saber mais sobre a rede, sugerimos a página: <<https://www.neurogenderings.org/>>.

**Profa. Irinéa: Profa. Irinéa:** Pegando o que as Profas. Kelly e Mariana falaram, dessa maneira de mudar a realidade, na minha prática docente, eu ministro uma disciplina no nosso currículo de licenciatura que é “Evolução de conceitos e teorias da Física”. E depois, no outro semestre, a disciplina “A construção de abordagens histórico-filosóficas para o Ensino de Física”, essa com um estágio supervisionado acoplado. O que nossas pesquisas têm mostrado é que a visibilização da presença feminina é muito importante, seja historicamente ou contemporaneamente. Então, me tocou muito essa questão do tom de voz das meninas, Profa. Kelly! Quando o homem fica bravo, ele fala mais grosso; quando ele fica mais entusiasmado, quero dizer, quando a adrenalina atua no corpo, ele fala mais grosso do que normalmente fala. E nas mulheres é o contrário. Quando a gente se excita, no sentido inglês da palavra, quando a gente se empolga, a gente afina a voz. E quando você está numa reunião, quando você está numa sala de aula ou numa reunião docente, existe uma estranheza por parte de homens e de mulheres, quando mulheres estão falando, como se elas estivessem fazendo uma impertinência. Logo, uma das coisas que eu estímulo em sala de aula é sempre que as meninas falem mais do que os meninos, até, porque geralmente, as minhas meninas, pelo menos em nosso curso, são mais quietas do que os meninos. Então, eu estímulo que elas falem para os meninos e que elas mesmas escutem a voz feminina no debate, na adrenalina alta, para que essa convivência seja naturalizada. Isso é uma dinâmica que eu tenho usado bastante. Outra questão é a de escutá-los muito, conversar com eles e com elas em Física. Nessa última turma, eu tive várias meninas. Fazia anos não havia tantas estudantes meninas para eu conversar. Ter cinco, seis meninas é uma beleza! Formamos 12 estudantes de Física. Gente, vocês não sabem como isso é um “milagre”! Eu fui a patronesse e fiquei muito contente com o fato de terem me escolhido também, porque eu revisei muitas vezes as discussões em sala com essas questões culturais, étnico-raciais. Não é só uma questão de gênero... São exemplos de atividades que a gente, Bettina<sup>25</sup> e eu já publicamos juntas, que o nosso grupo já publicou, atividades sensibilizadoras que eu levo para minhas aulas. E estão na literatura que nosso grupo produziu para a formação de professoras/es. Também, ao mesmo tempo, estamos vendo como essas questões estão nos currículos de Licenciatura aqui, Paraná. Nós enviamos, recentemente, um questionário para todas as coordenações dos colegiados das licenciaturas do Paraná para ver como as questões étnico-raciais,

---

<sup>25</sup> Entre os diversos trabalhos, sugerimos a tese da Profa. Bettina Heerd: “Saberes docentes: gênero, natureza da ciência e educação científica” disponível em: <<https://pos.uel.br/pecem/wp-content/uploads/2021/08/HEERDT-Bettina.pdf>>.

referentes às leis nacionais, e também as questões de gênero estão sendo tratadas. E, por último, acho que uma das coisas que a gente percebeu nos estudos da Neurociência, nos estudos na área educacional, da educação construtivista, é em se trabalhar com abordagens de pensamento relacional. Logo, quebrar com o pensamento mecanicista e binário. Farei uma inferência dessas questões... Em Física, penso... Não é tão comum como nas Biociências, mas a gente acaba citando questões transgênero, a bissexualidade, a homossexualidade e a homoafetividade. Quanto à homoafetividade... Eu percebo que muitas das coisas dos meninos, em relação a se juntar e trabalhar junto, é a “brotheragem”, o “brother”. E isso é uma forma de homoafetividade que não é a homossexualidade. E que a gente tem experiências espartanas, da história de Esparta, mostrando como que isso é comum. E eu trago isso nas minhas aulas de Física, de História da Física, e de como esses laços masculinos acontecem ao longo da história. E como isso, às vezes, é muito bom para os homens, mas que também cria uma demanda social em cima dos homens, de eles serem provedores, etc. Porque é uma pressão social muito alta, muito nefasta! Ao mesmo tempo, também é uma pressão muito alta para eles pertencerem à “matilha”, que é essa coisa da gangue, da comunidade, para eles se afirmarem como masculinos. Então, é tratar dessa masculinização tóxica, Profa. Kelly, que você me sensibilizou com o que você falou. A gente trabalha o encorajamento, porém não com o aspecto de que as mulheres têm que ser competitivistas, e que nem os homens devam ser. Não é reproduzir um modelo competitivista no qual os homens são criados desde pequeninhos e que, para a mulher ser forte, ela tem que fazer o mesmo. Não, a mulher deve buscar ser forte como ela é mesmo, na sua tradição cultural, respeitando o seu jeito feminino cultural, porque também ser feminino é uma construção cultural. Eu digo isso porque eu escutei em um ENPEC uma professora de Física que falava a favor das mulheres, mas falava que as mulheres têm que ser assim [competitivas], têm que tomar a frente, têm que ser como os homens. Não, para mim, entendeu tudo errado! Não é isso, porque a sociedade patriarcal, machista, também é ruim para os homens. Os homens morrem mais cedo de acidente de carro, de briga de gangue, por causa desse tipo de mentalidade. Então, no final, é buscar um ciclo virtuoso para quebrar o ciclo vicioso que a gente tem.

**Profa. Kelly Fernandes:** Uma das coisas que venho fazendo, também na sala de aula, e na pesquisa de doutorado, é pensar que o corpo é um território da experiência. A

experiência que o Jorge Larrosa<sup>26</sup> fala, que a gente sinta e o corpo vai ficando pequeno, de alguma forma, a gente vai entrando nessa experiência sem a gente pensar muito. É automático. A gente fala baixo sem nem perceber. A gente fica com vergonha. Quando vê, nossa, eu fiquei com vergonha, mas eu queria tanto falar... Então, eu fico pensando, pensando a partir disso, como o corpo, como esse lugar da experiência, do sentir... Daí, trazendo novamente a questão do encorajamento e lendo mulheres negras, mulheres negras que estão na academia, mas que também não estão na academia, como, por exemplo, poetisas negras, mulheres negras que escrevem poesias, eu tenho pensado de como, por exemplo, a questão da escrita é algo que atravessa meu corpo e a minha prática pedagógica na universidade. Então, no semestre passado, na UNEB, eu tive a experiência de dar aula para uma turma inteiramente de mulheres. Com as orientandas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a gente fala sobre a questão da escrita. De escreverem sobre elas, de desobedecer um padrão de escrita que diz que elas não podem escrever sobre si, mas pensando a escrita. Não como esse processo solitário no qual escrevo sobre mim, num aspecto muito individualista, mas, sim, pensando com... Nossa, se eu sou uma mulher lésbica ou heterossexual, branca ou negra, mas também se sou uma mulher dentro da sociedade. Logo, a história que eu carrego não é história somente a minha história. Então, falar de mim não é falar apenas de mim. Essa questão da escrita, pensando a estética como o princípio também do espaço, da formação. Fazer bonito também é importante. Pedir às/aos estudantes escreverem poesias. Então, eu arrisco... Estou falando não apenas de mulheres, mas de turmas em geral que falam: “*Professora, não sabia que eu podia escrever poesia*”! Então, falo de pensar, de se ver e de sentir como gente... Uma das coisas que eu sempre questiono é esse discurso de que nós, professoras/es de Ciências e Biologia estamos mais habilitados para falar de gênero e sexualidade. Eu digo: mas, está bom! Se for assim, nós, mulheres na sala de aula, aprendemos ontem sobre os nossos corpos. Ontem, eu vi num livro de Biologia, do Ensino Médio, dizendo que o pênis era o órgão do prazer. E o clitóris, no mesmo livro, não foi mencionado como órgão do prazer. Então, como é que eu... E essa garota que estuda, chega à universidade, como é que eu vou dizer que essa garota está habilitada para dar aula de gênero e sexualidade? Ela pode dar aula dentro de uma perspectiva conteudista, mas o que eu tenho pensado é de ter um

---

<sup>26</sup> Jorge Larrosa é educador e filósofo espanhol. Em seus textos sobre o saber da experiência, embora não adensados pelos estudos de gênero, o corpo é enfatizado o território por onde a experiência se manifesta, é vivida e sentida. Larrosa critica práticas que desconsideram o corpo na formação dos sujeitos, postulando que a educação não deve ser apenas um processo de aquisição de conhecimento, mas também um espaço para que os corpos experimentem e vivam o mundo.

olhar muito mais complexo para isso. Logo, se ela deve se pensar enquanto mulher, mulher negra, com todos os atravessamentos e diferenças da sexualidade, para depois ela pensar a prática pedagógica, a metodologia, a sequência didática, enfim, o que ela for fazer na sala de aula, contemplando, de alguma forma, que ela também faça parte desse processo. Quando a *bell hooks* diz sobre ensinar comunidade, é sobre o que nós, professoras, vemos como comunidade num princípio disso. Logo, não é pensar o encorajamento como competição entre mulheres. Não! É ter a comunidade como princípio. Somos mulheres diferentes, mas é possível a gente pensar espaços comunitários. Então, palavras... Desde mudar o meu léxico na sala de aula, palavras como compartilhar, palavras como coletivo, palavras que fazem do entorno a ideia de um princípio de comunidade... São palavras que fazem parte da minha prática pedagógica, palavras que nós não escutamos muito nesse mundo competitivo e sexista. Então, eu penso que a escrita e a arte podem ser ferramentas. E as outras áreas também. Daí, eu lembro da Patrícia Hill Collins<sup>27</sup> quando ela menciona a interseccionalidade como essa ferramenta, pois que não dá para olharmos para as desigualdades com uma lente apenas! Há a possibilidade de olhar com várias lentes. Se eu posso olhar com várias... Então, eu posso também pensar uma formação de professoras/es a partir de várias lentes.

**Profa. Ângela Freire:** É exatamente o que a Profa. Kelly acabou de trazer, a interseccionalidade... Lembrei-me da Kimberlé Crenshaw<sup>28</sup> e da própria Hill Collins... Quando a Kimberlé menciona aquela metáfora do atravessamento de numa avenida... Nós somos atravessadas/os pela raça, pela classe social, pela orientação sexual, etc. Daí, eu penso nas barreiras que a gente encontra para dar aulas de Ciências e Biologia. Essas mudam a depender dessas interseccionalidades; são diferentes. A barreira que eu encontrei é bem diferente da barreira que outra pessoa encontra. A dificuldade que a gente tem vai depender exatamente desses atravessamentos. E eu me lembro, por exemplo, ainda a respeito do androcentrismo na Ciência ainda, de uma vez onde eu estava num

---

<sup>27</sup> Patricia Hill Collins aborda a interseccionalidade como uma forma de compreender como diferentes sistemas de opressão e privilégio se interconectam e moldam as experiências das pessoas e as estruturas sociais. Para saber mais, acessar a entrevista concedida à Revista Tempo Social: <<https://www.scielo.br/j/ts/a/dT97sQMw5MCHWL9y3n3wNgc/?lang=pt>>.

<sup>28</sup> A metáfora de um cruzamento ilustra como diferentes formas de opressão (como racismo e sexismo) se encontram, criando uma experiência única de marginalização. Kimberlé Crenshaw criticou abordagens legais e sociais que tratam o racismo e o sexismo como opressões separadas. Para ela, essas análises fragmentadas falham em capturar a realidade das mulheres negras, cuja vivência está na intersecção das opressões. Para saber mais, consulte o documento publicado na Revista “Estudos Feministas”: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTp4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>>.

simpósio de História da Ciência e uma professora fez um discurso todo dentro da meritocracia. Ela discordava daquela discussão que nós estávamos fazendo, porque se a pessoa realmente apresentava qualidade de cientista, ela iria sair facilmente de qualquer obstáculo, iria se livrar. Esse discurso aparece dentro de um simpósio de História da Ciência, dentro de um simpósio temático que estava abordando as questões de gênero. Então, lembro-me que eu disse àquela pessoa assim: *“Olha, eu moro na cidade mais negra fora da África, se você for hoje, em 2016, se você for hoje à FIOCRUZ, por exemplo, você não vai encontrar pesquisadores negros na proporção que existem negros na minha cidade. Não vai encontrar 50% de pesquisadores mulheres e 50% de pesquisadores homens”*. Logo, a gente precisa repensar esses conceitos [intersecções]... E, ainda nessa linha de coisas cristalizadas nas mentalidades, eu penso que na abordagem de sexualidade e gênero nas escolas a dificuldade está na cristalização do modelo de pensar a sexualidade. Eu desconfio fortemente que, até agora, todo mundo fala em sexualidade naquele modelo biomédico lá de trás, da virada do século XIX e XX. As pessoas ainda falam, como a Profa. Kelly trouxe, das partes do corpo; e falam de uma sexualidade, quando falam, quando esse discurso chega à escola, ainda centrada nessas ideias biologizantes, ideias do preto e do branco, do claro e do escuro, essas dicotomias tão caras à modernidade e que as epistemologias feministas têm lutado loucamente para derrubar. Então, pensando nisso tudo, eu digo para vocês que a estratégia fundamental é trazer nossas verdades, trazer os estudos que a gente tem. Eu posso dizer aqui, eu tenho o prazer de dizer que eu li um ensaio da Profa. Fabiana<sup>29</sup> que eu amei, era um ensaio no qual ela discutia a centralidade do gênero e as contribuições ou limitações do campo semântico, científico da Biologia e da Cultura para definir categorias como gênero, sexualidade e sexo. Coisas assim devem mesmo ser pensadas. Uma orientanda minha, a Maria José Pinho, criticava isso no livro didático, a partir da dissertação dela, um trabalho de 2011<sup>30</sup>. Também tem o trabalho do Prof. Vinícius, que eu analisei, no qual ele questionava os saberes docentes necessários para construir, por exemplo, estratégias de como integrar questões de gênero na formação inicial de professoras/es para a Educação em Ciências e Matemática. Enfim, sabe? É uma ideia que eu tenho, é uma necessidade de continuar produzindo conhecimento na nossa área. A gente não pode parar de fazer o que

---

<sup>29</sup> O ensaio está publicado na Revista de Ensino de Biologia da Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia (REnBio). Disponível em: <<https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/313>>.

<sup>30</sup> Para acessar a dissertação, consultar: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10997/1/Maria%20Jose%20Pinho.pdf>>.

a gente vem fazendo. Eu levantei uma década de pesquisa recentemente, só para meu prazer [risos]. Sentei e fui ver o que a gente tinha produzido. Graças a Deus, muita coisa! O que nós precisamos é trazer essas discussões para dentro da escola, para a prática docente, mas não necessariamente com fórmulas, mas com ideias, com pensamentos, mexendo com as/os outras/os colegas, discutindo as questões que nós temos estudado, seriamente estudado, produzindo conhecimento. E a gente quase que não... Não sei se a gente divulga tanto quanto deveria. Então, estrategicamente, isso é básico, na minha cabeça. A Profa. Izaura Santiago da Cruz, que é minha colega de batalha ultimamente... Bem, eu estou totalmente aposentada, mas enquanto eu estava trabalhando, fiz um projeto junto com a Izaura<sup>31</sup> e a gente foi discutir gênero na Biologia... Só para vocês sentirem o que é... Qual é a grande barreira, a grande dificuldade! Quais são as barreiras que vocês encontram... O projeto pretendia ver como é que, dentro de um curso de formação de biólogas/os, como é o nosso curso de Ciências Biológicas, quais são as inovações “gendradas”, para usar o conceito criado por Londa Schiebinger<sup>32</sup>, quais seriam as inovações “gendradas” que poderiam ser colocadas no ensino de Biologia, na formação de um curso de Ciências Biológicas, para levar, digamos assim, “aparelhar” entre aspas, os nossos alunos, para formar nessas/es meninas as condições para o enfrentamento das questões de sexualidade e de gênero na escola, ainda dentro do curso de formação. Nós fizemos o projeto e convidamos professoras/es e docentes do instituto para nos concederem as entrevistas. Eram sessenta e um docentes na época; apenas dez responderam a nossa chamada. Dez! E entrevistamos essas/es dez... E senti, na fala das/os professoras/es, aquelas/es que haviam pensado sobre as questões que nós levantamos foram apenas seis. De sessenta e um docentes, dez responderam ao nosso chamado e seis tinham, de fato, se debruçado sobre essas questões [de gênero e sexualidade]. Ora, se os docentes dos cursos de formação não querem discutir sexualidade e gênero, como é que você vai, digamos assim, formar convenientemente, com competência, as pessoas que vão para a sala de aula do Ensino Fundamental e Médio, na educação básica? Quero dizer, é uma coisa extremamente preocupante! Eu me lembro de discutir com a profa. Izaura, será que a gente errou na metodologia? Daí, eu volto para o que a profa. Irinéa levantou... Essas questões epistemológicas, metodológicas, de estratégia, de método mesmo, são

---

<sup>31</sup> Para consultar o trabalho na íntegra, acessar: <[https://ppgefhc.ufba.br/sites/ppgefhc.ufba.br/files/dissertacao\\_izaura\\_santiago\\_da\\_cruz\\_pdf.pdf](https://ppgefhc.ufba.br/sites/ppgefhc.ufba.br/files/dissertacao_izaura_santiago_da_cruz_pdf.pdf)>

<sup>32</sup> Londa Schiebinger é autora do livro: “O Feminismo mudou a Ciência”. Para saber mais sobre gênero e sexualidade em perspectivas de análises, acesso o artigo publicado na Revista Feminismos: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/download/30035/17767/106116>>.

questões que a gente não pode deixar de enfrentar na nossa, digamos assim, na nossa missão... Já é uma missão esse negócio de levar uma formação competente da área de gênero e sexualidade para a atuação no Ensino Fundamental e Médio. Então, concluindo... Eu não vejo como escapar dessa estratégia básica: a formação docente na universidade, a formação das pessoas que estão fazendo os cursos de licenciatura, que deve incorporar definitivamente as questões de gênero e sexualidade. A questão é como é nós convencemos as pessoas, nos dias de hoje, da forma como as universidades estão hoje, infiltradas por esse pensamento retrógrado e machista... A minha universidade, por exemplo, sempre foi de vanguarda. Ultimamente, nós estamos começando a encontrar dificuldades. Quando eu digo a gente, não sou eu pessoalmente, mas minhas amigas e as equipes com as quais eu trabalhava enquanto eu estava na ativa. Então, assim... Eu não sei se há saída se a gente não enfrentar, dentro da formação docente, essa questão. Entenderam? Eu acho que a ideia, o que sempre me ocorreu e cada dia se consolida ainda mais, depois de tanto tempo pesquisando e trabalhando na área, é que a saída é a educação, sim! Porém, começa com a concretização de um projeto dentro dos colegiados, nos cursos e com a discussão de gênero e sexualidade. Desculpem-me se estou me repetindo, mas é porque eu gostaria de enfatizar isso! A gente não pode deixar de produzir conhecimento nos cursos de graduação, enfrentar essa má vontade que existe, sim, de discutir essas questões nos cursos, né? Enfrentar isso, continuar fazendo o que vocês estão fazendo, continuar investindo nesses projetos de pesquisa, que nos são tão caros, né? E sair para a luta formando gente capaz, formando gente capaz!

**Entrevistadoras/es:** Bem, colegas! Estamos aprendendo muito! Ouvindo o quanto está sendo rico este momento... E, para pensar e continuar as nossas discussões, gostaríamos de pensar junto a vocês, assim, o que vocês acham desse diálogo, né? Estamos colocando, aqui, uma série de tensões e, agora, vamos pensar, principalmente, nessa questão da epistemologia, da cisgeneridade, da transgeneridade. Gostaríamos que vocês falassem um pouco sobre o ingresso, principalmente, de mulheres transgênero nas Ciências da Natureza e na Matemática. Quais as principais barreiras? As potencialidades que vocês veem no atravessamento ou no ingresso de mulheres trans... Para pensarmos essa categoria – mulher – de maneira mais ampliada. Além dessa pergunta que nos faz pensar as mulheres trans nesse contexto, vamos ter mais duas perguntas para finalizarmos a nossa conversa. Pode ser?

**Profa. Irinéa Batista:** A questão cisgênero, transgênero, enfim... Estamos vivendo aqui e também posso dar uma contribuição daqui a pouquinho [silêncio]...

**Entrevistadoras/es:** Lembramos agora que a Profa. Mariana orientou uma mestranda trans... Talvez a professora possa nos trazer alguns elementos da inserção dessa orientanda e suas dificuldades no âmbito acadêmico como o cruzamento de gênero, identidade de gênero...

**Profa. Mariana Brasil:** Sim! Não apenas ela [pausa]... Conheço uma galera também... Eu estava pensando na pergunta de vocês... Nas várias barreiras para as mulheres cisgênero e para as mulheres transgênero, mas também em outros atravessamentos... Em como sistematizar isso... Em relação às mulheres cis, às nossas vivências, racializadas e não racializadas... Nós vamos ter, inicialmente, um desestímulo ao ingresso nas carreiras das Ciências da Natureza, né? E, ao longo da carreira, como tudo o que já foi mencionado aqui, a questão da dupla e da tripla jornada, do cuidado com as casas, com as pessoas e com a maternidade que, quando não esconde, diminui o nosso ritmo e o alcance que acabamos tendo e alcançado dentro dessas carreiras. Então, eu fiquei pensando que da perspectiva das mulheres trans, esse desestímulo começa muito mais cedo, dependendo de quando a transição [de gênero] se inicia, né? Eu conheço pessoas que iniciaram o processo de transicionamento cedo, que têm a experiência de terem sido colocados para fora de casa muito cedo. Isso já impede a escolarização das pessoas trans, que não chegam nem à [escola]... É uma luta constante para sobreviver, para ter uma fonte de renda que, muitas vezes, está em trabalhos super marginalizados, né? E há a expectativa de vida que tem a ver com a desgraça da ideia de passabilidade, né? Mulheres trans que têm passabilidade e conseguem ter colocação no mercado de trabalho. E as que não têm? Estão sujeitas a apanharem na rua porque vivem uma vida que irá contestar o que a gente tem de normalidade, né? Então, eu não consigo nem imaginar [as barreiras] quando a transição ocorre muito cedo... Convivi um pouco com a transição de um/a/e orientande... Muitas dificuldades, não apenas em relação à academia, mas tem a discussão no âmbito da família, psicologicamente, né? Essa aceitação no âmbito familiar ainda é muito difícil e impacta profundamente o modo como a pessoa consegue se relacionar com o espaço acadêmico. Mas, também, dentro do espaço acadêmico, dentro da universidade, não apenas nas aulas e afins... Mas enfrentando no espaço da universidade uma série de práticas discriminatórias também. Outras coisas que

essa/e orientande me trouxe, por estudar a educação das relações étnico-raciais bastante, é a educação racista, uma coisa que ela descobriu estudando os textos das práticas de educação antirracista, a exemplo, a ideia de falar que a pessoa está muito exaltada em contextos de discussão... Essa era uma prática que ela ouvia muito, e o argumento de que você não precisa se exaltar ou que se exaltando a toa... Isso é uma coisa que as pessoas racializadas também escutam muito nos contextos de discussão nos quais suas vivências estão sendo, de alguma forma, oprimidas e afins... Ao se colocar, se colocam subindo mais a voz... Enfim, isso a minha orientanda passou muito dentro do espaço acadêmico.

**Entrevistadoras/es:** Ou seja, aquilo que nós chamamos de “a raiva da mulher negra”<sup>33</sup>, né?

**Profa. Mariana Brasil:** É! Enfim, e ela se reconheceu muito nisso porque convivendo nos espaços, inclusive administrativos, colegiados, de núcleos da universidade, ela ouvia muito isso, que não precisa se exaltar... que era apenas uma discussão! Mas era a vida dela que estava em discussão. Quando é a nossa vida que está em discussão, como é que você se coloca? Eu nem sei mais... Já estou me perdendo, aqui, nas argumentações, é mais sobre a convivência com essa orientanda e também conversar com o pessoal dos núcleos de gênero e afins de Florianópolis...

**Profa. Kelly Fernandes:** Vocês nos colocaram para pensar agora... Fiquei pensando aqui... Certa vez, vi uma discussão no *Facebook* sobre a mulher trans, sobre a questão do menstruar... E fico pensando assim... Que é um corpo que está fora do lugar que a gente ensina, porque os corpos precisam estar nos lugares, nas caixas, nem que se dobrem, nem que se quebrem! Vocês perguntaram como a gente pensa o ingresso de mulheres trans, desafiando essas epistemologias cisgêneras, a cisgeneridade. Fique pensando que, talvez, não é uma coisa antes, mas concomitante... De a gente não pensar no espaço da sala de aula, os conteúdos, fora dessa lógica binária mulher ou homem, porque dentre nós, mulheres, somos muitas e diversas... Não é só porque existem mulheres, não é só a questão da raça... Porque entre mulheres negras, existem mulheres negras diversas. Eu sou uma mulher negra, mas eu não represento todo o conjunto de

---

<sup>33</sup> Para saber mais, leia o texto de Audre Lorde: “Ou usos da raiva: as mulheres negras reagem ao racismo”, disponível em: [https://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/download/243/pdf\\_128/564](https://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/download/243/pdf_128/564).

mulheres negras. Então, acho que se pensar que, na verdade, está todo mundo fora do lugar e, ao mesmo tempo, no lugar... Não sei, sabe? Eu estou aqui tentando discutir junto... Pensando assim... A gente não precisa esperar chegar uma estudante transgênero na sala de aula para pensar sobre isso. A gente já pode pensar isso antes, desafiando a nós e as/os próprias/os estudantes a não pensar um Ensino de Ciências que seja de sistema reprodutor feminino e sistema reprodutor masculino. Sabe? E é possível dar aula dos dois, é possível mudar até esse nome, é possível, ao invés falarmos que as mulheres... lá, nos capítulos de embriologia, que as mulheres que engravidam, falar de pessoas com útero, pensar desde as terminologias e, de novo, não esperar chegar uma mulher trans na sala de aula fazer para isso. Porque se a gente está pensando práticas desobedientes na formação de pessoas, de nós, as pessoas desobedientes e questionadoras do mundo, não é apenas do espaço da escola que estamos falando. É o espaço da vida! De pensar outras formas que, que seja esse de embaralhar a cabeça mesmo... Por exemplo, no contexto de se ter ou não, eu acho que o que a gente pode apostar, na sala de aula, é que é uma coisa que eu aposto, é que as pessoas podem trazer, narrar suas próprias vidas, sabe? Então, uma mulher trans pode se falar como ela quiser! Eu aposto no trazer as próprias experiências para a sala de aula. Em pensar um espaço, na sala de aula, seguro para mulheres trans falarem de si... Porque o espaço da universidade, o espaço da vida, não somente da universidade, não são espaços para mulheres falarem de si. Daí, quando eu digo: falarem, mostrarem-se do jeito que são, do jeito que querem ser... Porque vão ser acusadas de não serem mulheres, porque ainda existe um espaço, ainda existe uma normatividade, uma lógica que diz que para ser mulher você precisa preencher certas regras... Então, a gente também precisa questionar isso, não existe uma regra para ser mulher, pois eu posso ser mulher de infinitas formas! Eu penso que é tudo junto e misturado, assim... É o questionamento dos padrões de gênero, dessas mesmidades que falam sobre ser mulher e, ao mesmo tempo, a gente também abrindo o caminho junto para que mulheres trans – e há várias formas de ser mulher trans, para que cada mulher trans fale de si, de como tem vivido a sua vida. Acho que é apostar na vida de cada uma/um!

**Profa. Irinéa Batista:** A gente tem estudado, desde a pandemia, com recrudescimento que nós tivemos, o negacionismo e essa desumanização das pessoas. Penso que uma pessoa trans... Não importa se seja mulher trans ou homem trans... Nós temos uma estudante no programa que é uma mulher trans, orientada pelo pessoal das Ciências Biológicas e eu não vejo que ela está tendo algum tipo de obstáculo. Eu não

convivo, mas me parece que está tudo dentro de certa naturalidade construída, acho que é isso... O que a Profa. Kelly relatou, que ela está buscando uma construção de vida, alguma coisa, assim, da pessoa. Eu penso que não é apenas questão de ser mulher trans. É uma questão de a gente reforçar ou iniciar, quando você não tem isso, uma re-humanização das pessoas. Esse movimento mundial da extrema-direita desumanizou as pessoas e essas começaram a funcionar apenas por rótulos... As redes sociais reforçando os grupos que se identificam com assim ou com assado, principalmente a moçada, numa confusão de valores. Quando a gente trabalha com a natureza do conhecimento científico e endossa a construção coletiva desse conhecimento, no qual todo mundo tem papel nessa coletividade, tem-se uma estratégia muito boa para a gente não reforçar estereótipos, não criar estereótipos. Eu acho que as pessoas ainda constroem muitos estereótipos. Penso que... O Axel Honneth<sup>34</sup>, que trabalha com a questão do reconhecimento social, e também a Nancy Fraser<sup>35</sup>, que trabalha com a ideia de redistribuição... Penso conciliando as duas perspectivas, no reconhecimento social... Para a gente ter equidade, a gente tem que pensar nessa distribuição do que é desigual. São perspectivas que, penso, iluminam bem os nossos caminhos. São perspectivas teóricas e sociológicas que, independente de quem seja a pessoa com a qual estamos convivendo, consideram esse marco civilizatório do reconhecimento social que, às vezes, nos falta muito, pois a gente se torna objeto e faz das pessoas objetos também. A superação desse individualismo exacerbado no qual o capitalismo sempre instiga as pessoas a caminhar. Ao mesmo tempo, vou falar uma coisa perigosa aqui... Em não cair num certo identitarismo<sup>36</sup> que, muitas vezes, enfraquece o nosso argumento, ainda que a gente saiba que, dialeticamente, é passível que ele aconteça, dado tantos, como se diz, a tanta convivência com discursos de invisibilização das

---

<sup>34</sup> Filósofo alemão que postulou a Teoria do Reconhecimento, cuja base parte da ideia de reconhecimento mútuo como condição fundamental para a realização da liberdade individual e para a construção de relações sociais justas.

<sup>35</sup> A feminista Nancy Fraser critica a Teoria da Redistribuição centrada nas injustiças econômicas e materiais, como pobreza, desigualdade de renda e exclusão econômica. Para Fraser, essas injustiças têm origem nas estruturas econômicas e, frequentemente, envolvem a exploração e a marginalização de determinados grupos sociais. Ela vê a redistribuição de recursos e riqueza como uma dimensão essencial da justiça social.

<sup>36</sup> As críticas ao identitarismo surgem em diferentes campos ideológicos, incluindo posições políticas à esquerda e à direita, porém com argumentos distintos. Enquanto movimentos de extrema-direita e neoconservadores tomam o identitarismo como uma ameaça aos valores universais, entre os quais, a família, a cristandade e a coesão social, movimentos alinhados à esquerda do espectro político o criticam por um suposto enfraquecimento da luta de classes. Por outra via, movimentos negros e movimentos transgênero nos alertam quanto aos perigos de tecer críticas que esvaziam e discriminam as políticas e reivindicações pautadas nas identidades, universalizando a igualdade para todas/os ao passo que negligencia as questões específicas dos grupos, os direitos sociais e as experiências vividas. Importante observar, na disputa por campos e epistemes no Ensino de Ciências e na Matemática, como o identitarismo tem sido lido e como ele movimenta o currículo, as pesquisas e as relações educacionais.

diferenças. Então, o identitarismo, de certa forma, ele acontece porque é uma reação dialética a essa “forçação” de barra do pensamento extremista arcaico. Nem vou dizer conservador... É arcaico mesmo, porque há formas de uma pessoa ter valores conservadores sem serem desumanizados. Agora, esse arcaísmo é o que nos sobrou desde o início do século XX... O Ernst Mayr fala do fisicalismo nas Ciências Biológicas<sup>37</sup> e esse adoecimento do pensamento biológico está, inclusive, em contradição com o neodarwinismo. É incrível como é uma tremenda bobagem esse fisicalismo, mas ele ainda está na cabeça de muitos departamentos e institutos de Biologia, que eu vejo reproduzido em muitas/os estudantes que eu recebo. A área de Biológicas é uma das formações mais tecnicistas que nós temos. Mais ainda do que a Matemática, a Física e a Química. Bem assim, sabe? Lembro-me de alguns anos atrás, aqui, no departamento, de um, dois colegas da Biologia Geral... Quando a/o estudante falava que ia vir para o PECEM / UEL, para a área de Ensino de Ciências, eles diziam: “*Mas por que você vai deixar de fazer seu caminho nas Ciências*”? Como se pesquisar na Educação Científica não fosse fazer Ciências. Então, é uma falta de noção do que seja Ciência esse fisicalismo que está entranhado nas pessoas. Então, acho que as adversidades nós combatemos ao combater esses binarismos, linearismos, essas generalizações com as quais o pensamento moderno prometeu resolver os problemas do mundo, mas que não resolve! A ideia do paradigma da complexidade também é um caminho, e junto com o de uma contextualização, quer dizer, o pensar cada realidade social local, que é também necessário para que possamos reconhecer antes de agir. É isso... É uma questão de educação para a diversidade, em geral, não apenas pensando nesse ou naquele caso.

**Profa. Ângela Freire:** Queria dizer que eu me senti contemplada quando você, Irinéa, falou da questão “da dureza”, entre aspas, das Ciências Biológicas. Ela é mais *hard* do que muitas outras. Aliás, o grande obstáculo que eu precisei contornar na minha vida, nessa minha trajetória de saída do Instituto de Biologia, aos 45 anos, para ir para o campo da educação, especificamente para o pensamento feminista, foram os meus colegas. O grande obstáculo foi a falta de reconhecimento sobre o que eu estava fazendo ser algo sério, tão científico quanto que eles faziam e eu mesma realizava até aquele momento.

---

<sup>37</sup> O fisicalismo postula que todos os fenômenos podem ser explicados em termos das leis da Física e da Química. Segundo Mayr, isso é insuficiente para compreender as particularidades da Biologia como Ciência e as propriedades emergentes que os seres vivos manifestam, entre as quais, a organização em populações e os comportamentos distintos.

Então, é de fato, é um grande obstáculo, e é muito duro! A pesquisa que eu tentei fazer com a Profa. Izaura... Ainda estamos sistematizando algumas informações coletadas... Nós esbarramos exatamente nessa dificuldade de diálogo com as pessoas da minha área, da nossa área, pois nós temos mais que uma bióloga ou biólogo aqui... Somos eu, a Profa. Fabiana, a Profa. Kelly, A Profa. Mariana, que também é da Biologia... Temos o Prof. Sandro, o Prof. Yonier e a Profa. Bettina que são da Biologia... Não sei para vocês, mas, para mim, a grande barreira de comunicação que eu encontrei, nessa minha vida recente, foi a comunicação com as/os minhas/meus colegas. Agora, em relação à questão levantada por vocês [transgeneridade], confesso que não me sinto suficientemente aparelhada e com conhecimento para discutir a questão das mulheres transgênero. Por quê? Porque dentro do que eu tenho pensado ultimamente, considero muito difícil – de novo, a questão da comunicação, entender certa dificuldade de diálogo com alguns movimentos a partir da perspectiva feminista mesmo, da perspectiva inclusiva feminista, do pensamento feminista com o qual eu me familiarizei nesses anos todos. Então, de fato, eu acho muito complicado, eu tenho, na minha experiência pessoal, encontrado dificuldade para conversar com certas formas de pensar na área da transgeneridade. Chamo sempre a atenção para o fato de que questionar, por exemplo, uma posição teórica expressa por uma mulher trans não deve ser entendido como transfobia, como, aliás, me ocorreu recentemente. Essa dificuldade de diálogo com alguns setores sobre essa problemática toda que a gente está vivendo é extremamente preocupante, especialmente agora, quando se pode instrumentalizar uma fala ou um texto por esse pensamento retrógrado de direita, de extrema-direita, extremamente repressivo, que está crescendo no mundo inteiro, não apenas no Brasil.

**Profa. Kelly Fernandes:** Vou comentar rapidinho porque vocês foram inventar de fazer a pergunta, então... Estou com um livro aqui que é da Audre Lorde: “*Sou Sua Irmã – escritos reunidos e inéditos*”, no qual ela tem um texto chamado: “*Quando a Ignorância Vai Acabar*”, um discurso feito na Conferência Nacional de Gays e Lésbicas do Terceiro Mundo. A Audre Lorde foi uma teórica, uma mulher negra, lésbica; e, ela vai dizer, logo no início do capítulo, sobre a questão do poder da visão. O poder da visão encoraja. Essa conferência era uma afirmação do poder da visão e sobre a possibilidade de moldar um futuro que ainda não existe. Moldar um futuro contra o racismo, contra o sexismo, contra a lesbofobia, contra a homofobia, enfim. Contra a diversidade das opressões. Eu fiquei pensando sobre o ingresso de mulheres trans. Então, como é que a gente pode pensar a

partir dessa ideia que ela fala do poder da visão? De a gente moldar um futuro que ainda não existe, por exemplo, na área de Ensino de Biologia<sup>38</sup>. Sabe o que eu fiquei viajando, aqui, pensando? A gente teve um evento de Ensino da Biologia e eu fiquei pensando: “*Caramba, e se a gente tivesse um encontro com uma mesa, com várias mulheres trans falando, mulheres negras, porque isso não existe, sabe*”? Então, é fazer algo que ainda não existe. Acho que Audre Lorde fala disso... Vamos botar na prática, não vamos esperar essas mulheres trans entrarem na universidade, essas mulheres trans se formarem professoras, passarem no concurso público. A gente pode fazer isso já! E colocar essas mulheres para conversarmos juntas nos encontros, sei lá... No ENPEC, no ensino de... Enfim, nos encontros da nossa área, sabe? Moldar uma forma de aprender a ver, porque a gente ainda não aprendeu, a gente não sabe ver esses corpos conversando. Então, eu fiquei pensando nisso...

**Entrevistadoras/es:** Queríamos falar desse último ponto de discussão do qual estamos falando... Sobre a perspectiva da Biologia mais tecnicista, como disse a Profa. Irinéa... Também dessas, digamos assim, “manifestações identitárias”. E, aqui, vamos colocar bem entre aspas para elucidar que, de toda sorte, essas questões acabam incorrendo nos currículos... E os currículos estão sendo disputados como locais de interesse, tanto da produção de narrativas científicas e sociais, como do campo da produção de narrativas sem bases científicas ou muito ligadas às ideologias de dominação, e sobre o quanto isso subalterniza o gênero e a sexualidade. Nós tivemos exemplo dessas disputas, vamos dizer assim, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em decorrência do cenário brasileiro das duas últimas décadas, da pressão dos setores neoliberais, da pressão também desses grupos reativos, neoconservadores, ou arcaicos, como diz a Profa. Irinéa... Ao passo que tudo isso fez com que, de certa forma, vamos dizer assim, a discussão de gênero tenha sido cerceada em um documento curricular; e a sexualidade foi rebiologizada, ela acabou caindo na perspectiva fisiológica e na perspectiva determinista. E, isso, para nós, aqui, acredito, para todas/os vocês, também acaba contribuindo para um apagamento das diferenças, das dissidências, etc. Daí, considerando essa conjuntura, o que as/os professoras/es pensam em relação à inclusão e à representação das questões de gênero nos currículos, especialmente os currículos na

---

<sup>38</sup> A Profa. Kelly refere-se ao IX Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO), realizado entre os dias 22 e 25 de outubro de 2024, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC / Minas), Belo Horizonte.

atualidade? E se é possível ser inclusivo nesse cenário... A Profa. Ângela até adiantou um pouco a resposta dessa questão... Mas, enfim, se é possível ser inclusiva/o nesse cenário tão reativo aos direitos dos grupos minorizados? Se a gente tem esperanças também... Se nós podemos esperar nesse cenário... Que avanços nós podemos destacar em meio a esse campo também de retrocessos?

**Profa. Ângela Freire:** Esperançar a gente pode, eu acho que a gente tem que esperar. A gente não tem alternativa. A gente não pode perder a esperança, até porque, a gente não vai parar de lutar para conseguir, digamos, desfazer o que fizeram... Tiraram... Descaracterizaram os estudos de gênero e sexualidade nos currículos... Tiraram até a palavra, quer dizer, riscaram, o que de fato aconteceu. Agora, essa minha esperança, de modo nenhum, ofusca o meu pavor! Por quê? Porque o que eu estou vendo é o crescimento na implantação de projetos educacionais como as escolas cívico-militares em progresso em São Paulo e em outros lugares do Brasil, que é uma coisa terrível, e que há o avanço neopentecostal em todos os setores da sociedade. Há relatos de projetos com perspectiva de criar uma geração de jovens brasileiros “imunes” ao pensamento progressista. Sabe-se, por exemplo, de produção de material didático e paradidático com esta finalidade. Eu usei a palavra pavor porque é! Eu considero apavorante até mesmo a possibilidade disso prosperar! E a minha dificuldade de ter, de manter a esperança acesa, é justamente a falta de mobilização da gente. Digo da gente nos campos de discussão de currículo, das pessoas que são formadas em educação, que estão, no seu dia a dia, a trabalhar com a educação ou com projetos educacionais. A paralisia que parece, às vezes, eu vejo, uma espécie de indiferença também. Não no nosso meio especificamente, a gente não! Nós estamos a todo tempo brigando, falando e explicando às pessoas. Mas nos cursos de licenciatura, nos grandes setores da educação, nos grandes sistemas sociais, eu não vejo a luta estrategicamente colocada para, de um lado, barrar essas discussões. Barrar mesmo... É a palavra! Barrar esses projetos que são exatamente o oposto do que a gente espera e quer que aconteça. Barrar os projetos de dominação, de repressão, de formação de uma mentalidade única, de uma limitação completa das possibilidades do ser humano florescer em suas potencialidades. É isso o que pretendem, eles objetivam exatamente o oposto das potencialidades. Objetivam a formação de pessoas iguais, pensando todo mundo igualzinho, como robôs, com um objetivo muito claro e característico de política. Eu realmente acho que a esperança a gente deve construir lugares de discussão e de produção de conhecimentos cada vez mais amplos, cada vez mais difundidos dentro das

diversas áreas de conhecimento, não só nas áreas das ciências naturais, mas nas áreas das ciências humanas e nos espaços todos de educação. Eu me preocupo muito com a formação docente nas instituições de ensino particular. Isso é uma coisa muito preocupante. Eu vejo aqui na minha cidade a forma como o currículo é pensado em certos lugares, como se faz a discussão da teoria de currículo em alguns lugares. Eu conheço as pessoas, então eu vejo as movimentações. Então, é isso... É preocupante, mas acho que a gente deixar de pensar que a gente vai reverter esse caminho que é tão estrategicamente e tão competentemente construído do lado de lá, a gente não está tendo a mesma habilidade do lado de cá. E eu gosto de dizer do lado de cá e do lado de lá, porque é exatamente o que está acontecendo. Tem um lado de lá e um lado de cá! Se a gente não se organizar e não ampliar o mais que puder, nos diversos setores que pensam em educação no país, nessa discussão nossa de liberdade, de promoção humana, de crescimento e de inclusão... Se a gente não pensar um modo eficiente de ampliar o nosso discurso, o nosso fazer, a nossa produção de conhecimento, a gente vai ter grandes dificuldades! Porque o lado de lá está bem aparelhado. E é preocupante!

**Profa. Irinéa Batista:** A luta é um território. O currículo é um território em disputa... Mas a gente deve esperar... Há transformação o tempo todo... Eu sempre penso e me inspiro nessas coisas... Porque o que a gente percebe é que existem algumas janelas pelas quais as transformações têm entrado nos currículos, por exemplo, nas legislações. E nós podemos, pelas legislações, fomentar a discussão de certos conceitos, de certas abordagens. Por exemplo, a legislação da neuroatipia é uma grande oportunidade para a gente pensar uma reformulação que quebra o tecnicismo. Porque quando a gente faz uma educação que atenda às necessidades de pessoas neuroatípicas, a gente atende as especificidades estudantis, mas todo mundo vai se beneficiar, também. É a mesma coisa com uma educação ou um processo educacional sensível a gênero. A gente tem usado uma referência de conhecimento conectado. Tem o chamado conhecimento situado também, que tem um pouquinho de tendência à questão de despertar para a profissão, para certa profissionalização. Eu prefiro mais o conhecimento conectado, porque quando a gente pensa num ambiente construtivista, a gente atende às questões étnico-raciais, às questões de neuroatipias, às questões de gênero, às questões socioeconômicas e culturais. Então, pela janela da lei, a gente consegue demandar aos departamentos, por exemplo, que vão ministrar Psicologia da Educação, que se atualize a ementa, que essa psicologia traga resultados mais recentes de

como trabalhar com as neuroatipias. Esses estudos geram, por exemplo, o resultado de que entre neuroatípicas/os tem-se uma alta porcentagem que é bissexual... A pessoa acaba convivendo mais com um lado de expressão de sexualidade, mas que nem se deu conta que era bissexual, porque ela foi vivendo o que era mais fácil de acontecer na vida dela. Mas elas/es mostram que existe essa flexibilidade na questão da sexualidade da pessoa. Outro exemplo: vou puxar a brasa para a minha sardinha... Outra oportunidade é a questão da História e Filosofia da Ciência. Um conhecimento contextualizado historicamente traz muitas complexidades, como a participação coletiva de construção de conhecimento. Ao se elaborar uma boa reconstrução histórica, a gente pode selecionar exemplares históricos que tiveram participação feminina; que destacam a produção científica fora do hemisfério norte; que há gente de origem asiática, africana, de todo território sul-americano, gente de todo o mundo que participa na construção do conhecimento científico. Vejam, quem foi que mapeou o genoma da Covid-19? Foram duas biólogas brasileiras<sup>39</sup>. Então, a gente chama esses exemplos, que eu brinco com meus estudantes: monte um cavalo de Tróia, gente! A pessoa pensa que está recebendo conteudismo, mas você está com os debates estruturando os conteúdos a trabalhar.

**Profa. Ângela Freire:** Só para sublinhar... É a baiana Jaqueline Goes, mulher negra, cientista baiana. Ela integrou a equipe que sequenciou, em 48 horas, o genoma do vírus.

**Profa. Irinéa Batista:** Então, eu vejo que a gente, inclusive, contempla mais esse recorte que é o de uma mulher negra, altíssimamente competente. Esse é um exemplo de gente como a gente, que está lá fazendo Ciência, que boas abordagens de ensino propiciam. Mostra que esse é um campo [o da Ciência] que todo mundo deveria ter acesso, o que acontece quando a gente forma professoras/es com essa mentalidade e postura. Eu sei, porque elas/es [estudantes] voltam contando isso para mim, o que aconteceu na sala de aula que trabalham; que elas/es tiveram oportunidade de se enriquecer com as nossas discussões. É muito bonito ver como colhemos resultados efetivos.

---

<sup>39</sup> Referindo-se às cientistas Jaqueline Goes de Jesus e Ester Sabino, mulheres que desempenharam um papel fundamental no sequenciamento do genoma do SARS-CoV-2, o vírus causador da Covid-19.

**Profa. Kelly Fernandes:** Tentarei ser rápida porque já estamos finalizando... Essa pergunta... Vêm-me várias questões... Quando estou na capoeira e estou gingando... Para gingar, a gente precisa sempre da outra pessoa. A gente nunca ginga sozinha/o. Não tem como eu gingar sem outro corpo. Eu tenho aprendido que uma das coisas para gingar é questionar e duvidar do meu corpo. Eu consigo fazer coisas que achava que eu não poderia fazer. Eu achava que só podia ficar sentada na sala de aula, no formato quadrado, aquela cadeira quadrada, que vai enquadrando também a nossa forma de pensar... Então, venho pensando, assim, sobre como abrir possibilidade para eu duvidar do meu corpo... E a outra pessoa com quem eu estou gingando, também possa duvidar de si, se questionar. Daí, eu fico pensando se é possível esperar dentro desse contexto conservador, porque essas políticas, quando eu penso, causam certo temor, não sei, porque é algo institucionalizado. Mas, se a gente for pensar bem, esses discursos conservadores, eles sempre existiram. A gente está aqui, há duas horas, questionando a forma de ensinar Ciências, o modelo hegemônico, a matriz hegemônica que atravessa o currículo do ensinar Biologia, que por si só, a Profa. Ângela bem diz, é uma forma pensada por homens, brancos, europeus, enfim. Então, isso também é conservador. E a gente já vê, há muito tempo! A Profa. Ângela é uma das mais experientes da gente A gente já vem fazendo isso há muito tempo! Quando você fala da professora Terezinha, isso... Ela vem fazendo há muito tempo. Logo, fico pensando que eu sempre vou acreditar ser possível reinventar a liberdade em qualquer processo. Então, mesmo com esses discursos conservadores aí dizendo que essa reinvenção, enfim, não é simples, é complexa... Complexa, é óbvio! Mas eu sempre vou acreditar que é possível reinventar a liberdade! E eu acredito que para fazer essa insurreição... Eu acredito que os movimentos de mulheres, mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres camponesas, vão ensinando essas coisas para a gente. Em 2015, teve a marcha das mulheres negras e das mulheres indígenas contra o racismo, contra o sexismo e pelo bem-viver... As mulheres estavam dizendo: *“Olha, não tem como pensar a vida sem pensar a justiça ambiental, sem pensar a desigualdade, sem pensar o genocídio”*. Ano que vem, haverá novamente essa marcha. Então, eu penso que é criar formas mesmo de estar lá... O currículo está dizendo que é isso, e daí? Como é que a gente pode procurar as brechas, naquelas palavrinhas que, às vezes, estão ali, estão falando, é disso? Está bem! Então, eu vou fazer outra coisa, não sei, como é que eu posso encaixar de outra forma? Porque eu acho que... E, aí, novamente, trazendo a *bell hooks*... É esse educar para a liberdade... É sobre, de alguma forma, sermos ousadas/os, sabe? E, do ponto de vista epistêmico, transgredir! Logo, eu acho que a gente

sempre haverá de transgredir os espaços, as formas de ensinar. Eu como professora, trabalhando com gênero e raça, tive a experiência de ser cerceada pela escola. Depois disso eu falei: *“tá bom, é isso? Então, eu vou inventar uma parte, uma forma também de eu sobreviver nisso também, porque o que está valendo é a minha sobrevivência das/os minhas/meus estudantes também. Então, tá bom, a gente faz”!* Daí, eu desobedecei ao sistema, de alguma forma, para continuar fazendo o que eu queria fazer, e fiz. Então, eu acredito que é isso, né? Como é que a gente esperança, se a gente é muito obediente, né?

**Profa. Mariana Brasil:** Eu estava pensando... A BNCC é uma lista, né, gente? É uma listinha de frases e palavras... Depende como a gente lê essas frases e palavras. Você pode ver lá o sistema reprodutor e trazer outra leitura disso. Você não precisa obedecer àquela coisa tradicional que o sistema reprodutor nos insta imediatamente, porque sempre vimos assim... Não precisa, né? Em última instância, currículo se faz na sala de aula. Fechou a porta da sala de aula e é ali que ele acontece. E, em última mesmo, nem é ali... É na hora que a gente sai da aula, e vai para a rua, porque é na rua que a gente vai colocar em movimento os conceitos todos. Então, não sei... Eu entendo que sim, quando a gente tem um documento importante como uma base nacional curricular nos dizendo de uma lista, de uma forma... Vão ali, tiram as palavras. Poxa! Pode não haver gênero na lista, mas eu vou trabalhar através do conceito de sexo biológico, pois ali dentro dessa instituição está o gênero. Eu vou trabalhar ali na forma como os corpos estão sendo representados, porque tem corpo humano. Então, eu acho que essa desobediência é possível da BNCC, sabe? É uma coisa... A BNCC é uma listinha, gente. O problema, para mim, eu acho que é mais que o que ela traz, né? É o apoio do nosso espaço de trabalho educativo. Eu acho que isso é a coisa mais problemática do que a lista de nomes da BNCC. Ao mesmo tempo, retomando um pouco das discussões que a Profa. Ângela e Profa. Irinéa trazem... Eu não acho que nós estamos com a extrema-direita voltando... Ela sempre esteve aí, gente! Agora, não sei, talvez apareçam mais por conta de alguns acontecimentos, talvez estejam com mais... Digo, menos vergonha de dizer o monte de asneiras que falam, né? Mas eu também acho que isso se deve ao medo que isso nos causa... Ai, meu Deus! Voltou, precisamos reagir... Mas nós estamos sempre reagindo a esses movimentos, né? E não vamos onde que efetivamente deveríamos ir, que é a raiz do problema, que não são apenas os movimentos extrema-direita, mas é o próprio sistema capitalista, que propõe a nós vivermos nessa esquizofrenia, né? De não enxergar o que efetivamente está nos alienando, o que efetivamente está causando desigualdade social,

inclusive, no modo como a gente produz Ciência, né? Pois temos, aí, uma forma de conhecimento incrível que, teoricamente, deveria acabar com todos os problemas do mundo, mas não acaba. Por quê? Porque responde apenas aos problemas de algumas pessoas. Alguma de vocês disse: “*Ah, a Ciência é uma produção coletiva*”. É, mas de qual coletividade? Quais coletividades? Quais coletividades não estão nas Ciências? Eu acho que essa é a nossa pergunta principal! A Ciência que eu construo é a favor de quem e contra quem? Quem ela privilegia e quem ela exclui? E a Ciência que eu ensino? Eu acho que essas são as principais perguntas que as pessoas que constroem e ensinam Ciência deveriam se fazer... E, para pensar, né? Eu estou produzindo conhecimento científico que atende a quê? A Ciência está indo na raiz dos problemas humanitários? Gente, nós temos uma ideia, um pouco de ilusão, de que nós não estamos em guerra. Nós estamos com, no mínimo, 12 ou 15 conflitos ao redor do mundo. E a gente fica sabendo de apenas dois. Os demais são tudo uma coisa, assim... meio... que não importa... Por que não importa? Por que eles não são divulgados? Por que nós não os ouvimos cotidianamente? Enfim, só pra gente pensar um pouquinho, para além dessas grandes reações a esses movimentos que nos dão medo, que nos assombram.

**Profa. Ângela Freire:** Só queria responder a uma coisa que a Mariana pontuou... Que é a seguinte... Ela disse que, e de fato, eu concordo com ela, que é na sala de aula, naquele momento ali de interação entre professoras/es e alunas/os que o currículo se dá, que a gente pode, a partir de uma frase chamada Sistema Reprodutor, fazer o que a gente acredita e o que a gente quer. A questão é que se isso não for... Se o professor/a não tiverem sido instrumentalizadas no seu curso de formação para transformar aquele momento em algo a nosso favor, não vai render o que a gente quer que renda. Então, volto para a questão da formação... A gente tem que fazer valer, dentro dos cursos de formação docente, as explicações de sexualidade na perspectiva feminista e da diversidade. E gritar isso para as/os coordenadoras/es de colegiado em todos os espaços! E, Profa. Mariana, nós temos um problema... Antes, realmente, havia a extrema-direita, mas não tinha uma validação institucionalizada, sabe? E agora tem. Então, a gente não pode, a gente tem que... Combater...

**Profa. Irinéa:** Eu já combatia esses pensamentos arcaicos, há muito tempo, mas a gente tem que agir de uma forma mais profissional, no sentido de articulação, por exemplo. Isso que nós estamos fazendo [a entrevista, conversa], isso é uma articulação!

E essas articulações têm que ter desdobramento, ser articulações nacionais. Eu sempre digo para minhas/meus estudantes: “*A classe das/os professoras/es é uma das maiores classes registradas, institucionalizadas*”. E a gente não se organiza no Brasil para poder dialogar e conhecer as experiências e se reconhecer como agentes, como sujeitas/os históricas/os capazes de remodelar o mundo. Então, eu aprendi, há uns dois anos e meio, essa frase da psiquiatra Nise da Silveira: “*É preciso se espantar, se indignar e se contagiar. Somente assim será possível mudar a realidade*”. É isso que eu sinto... Se a gente não se indignar, não se espantar com essa realidade, não se indignar e não se contagiar, a gente não muda a realidade. Ela [Nise] estava vivendo a situação daquele hospício, daquele hospital no qual as pessoas ficavam largadas. E ela fez toda uma abordagem, a partir da arte, para uma terapia ocupacional com arte e para re-humanizar as/os internas/os. Acho que essa é uma maneira com a qual a gente tem que estar o tempo todo se revisitando e, quando bate o cansaço, que cansa também, lembrar-se dessas coisas corajosas, de pessoas que são inspiradoras. Ela é um exemplo de pessoa que, no Brasil, conseguiu transformar a sua realidade.

**Profa. Ângela Freire:** A Heleieth Saffioti<sup>40</sup>, uma feminista maravilhosa, nos ensinava a enfiar cunhas nas frestas do muro do patriarcado. Ela disse que quando você encontra uma pequena fresta, enfie uma cunha... A gente vai enfiando cunhas até o muro cair. Essa inspiração da Heleieth Saffioti nunca me deixou, nunca me abandonou.

**Entrevistadoras/es:** Ouvimos as professoras se pronunciarem e ficamos profundamente impressionadas/os. É isso mesmo! Com essas belas colocações, muito emocionadas, diga-se de passagem, podemos encerrar a nossa conversa. Queremos agradecê-las, em nome da Revista Diversidade & Educação, por essa tarde muito bacana de aprendizado, de troca de experiências. Nossa intenção foi a de, realmente, fazer esse diálogo para traçarmos essa, digamos, genealogia, escutarmos diferentes frentes de atuações, influências diversas ao longo das carreiras docentes e de pesquisa de vocês... E como a gente, escuta! Pois a escuta é afetação... A gente consegue modificar as coisas e contagiar também as outras pessoas que queiram, conosco, fazer essa comunidade ou

---

<sup>40</sup>Heleieth Saffioti foi uma socióloga, feminista e marxista brasileira, amplamente reconhecida como pioneira no estudo das relações de gênero, classe e raça no país. Sua obra destacou a interseção entre essas categorias de opressão, trazendo contribuições fundamentais para o feminismo brasileiro e para os estudos marxistas

ampliar a comunidade que já pensa pela via dos feminismos, pela perspectiva social, pela perspectiva dos movimentos negros, do movimento LGBTQIAPN+, de mulheres e de todas as frentes que estão juntas, afinal, para enfrentar esse mundo tão complicado no qual estamos vivendo ou atravessando no momento... Posicionar-se diante dessa outra reconfiguração do capital, que também exige de nós a problematização e o enfrentamento. Agradecemos em nome de todo mundo! Inspiração em todas vocês... Essa é potência de quando a gente pensa juntas/os. Então... Talvez por isso também, por essa diversidade, que somos diferentes, pensando coisas diferentes que ora se encontram, ora se distanciam! É muito bonito testemunhar isso... O que mulheres têm feito... E procurar aquilo que faz sentido para nós... Com essas palavras tão caras e tão importantes: desobediência, resistência, liberdade, emancipação, esperança!

Revista  
**Diversidade**  
e Educação